



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH

FACULDADE DE GEOGRAFIA - FGEO

MARIA LUIZA DOS SANTOS GOMES

**MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: UM ESTUDO DE CASO DA MOBILIDADE
UNIVERSITÁRIA PARA A UNIFESSPA-MARABÁ/PA**

MARABÁ/PA

2022

MARIA LUIZA DOS SANTOS GOMES

**MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: UM ESTUDO DE CASO DA MOBILIDADE
UNIVERSITÁRIA PARA A UNIFESSPA-MARABÁ/PA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à faculdade de Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como parte do requisito necessário para a obtenção do grau de Bacharelado em Geografia. Orientador: Professor Dr. Marcus Vinícius Mariano de Souza.

MARABÁ/PA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

G633m Gomes, Maria Luiza dos Santos Gomes
Migrações contemporâneas: um estudo de caso da mobilidade universitária para a Unifesspa-Marabá/Pa / Maria Luiza dos Santos Gomes. — 2022.
64 f. : il. color.

Orientador (a): Marcus Vinícius Mariano de Souza.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Geografia, Curso de Bacharelado em Geografia, Marabá, 2022.

1. Migração interna – Estudantes. 2. Mobilidade residencial. 3. Universidades e faculdades públicas – Migração - Marabá (PA). 4. Cidades e vilas - Formação. 5. Ensino superior. 6. Estudantes - Migração - Marabá (PA). I. Souza, Marcus Vinícius Mariano de, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 304.809

Elaborado por Miriam Alves de Oliveira – CRB-2/583

MARIA LUIZA DOS SANTOS GOMES

**MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: UM ESTUDO DE CASO DA MOBILIDADE
UNIVERSITÁRIA PARA A UNIFESSPA-MARABÁ/PA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à faculdade de Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como parte do requisito necessário para a obtenção do grau de Bacharelado em Geografia. Orientador: Professor Dr. Marcus Vinícius Mariano de Souza.

DATA DA APROVAÇÃO: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Marcus Vinícius Mariano de Souza (UNIFESSPA)

Examinador interno

Prof.^a Dr.^a. Gleice Kelly Gonçalves da Costa (UNIFESSPA)

Examinador (a) interno

Prof. Dr. Marcos Mascarenhas Barbosa Rodrigues (UNIFESSPA)

Dedico este trabalho a minha mãe e meu
pai, por seu grande apoio e amor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais por tudo que sempre fizeram por mim durante esses anos, à minha mãe querida Elsa Luisa, minha melhor amiga, minha artesã talentosa preferida, obrigada por todo o apoio, paciência, carinho, confiança, por sempre acreditar no meu potencial, por me dar forças para continuar e por sempre cuidar de mim.

Agradeço ao meu pai Eleutério Gomes, por tudo que ele me ensinou e ainda me ensina, por toda paciência em corrigir meus erros de português, meu jornalista preferido de todos os tempos, obrigada por toda a paciência em me ajudar a revisar meus textos durante esses anos de curso, por sempre ouvir minhas reclamações e me ajudar a fazer gordices quando eu estou estressada. Eu não teria conseguido sem vocês, amo vocês muito, prometo sempre ser o motivo de orgulho de vocês.

Agradeço aos meus tios, tias (amigos da minha família) que também sempre me deram apoio para que eu terminasse meu curso, mais do que meus parentes de sangue, vocês são meus parentes do coração, obrigada por todo o carinho comigo.

Agradeço a todos os meus colegas da turma Geo2017, à todos os colegas e amigos que me aturaram durante esses anos e por todas as brincadeiras nos trabalhos de campo.

Agradeço às minhas amigas, Cleidiane Oliveira, Antônia Herlanda e Gabriela Kamila, minha equipe dos trabalhos, seminários, doidices, de lanches, sério, obrigada por serem minhas amigas, por nunca terem deixado de estar do meu lado, mesmo nos meus piores dias vocês sempre me acolheram, essa jornada acadêmica não seria possível sem vocês meninas.

Agradeço também a minha dupla de amigos Ilcileia Santos e Tiago Guajajara, que não só aturam diariamente minhas piadas chatas, idiotices, e rabugices, ainda me ajudaram de várias formas durante a execução deste trabalho, seja criticando meus mapas e gráficos ou mesmo criando debates que me ajudassem a pensar sobre os assuntos e assim desenvolvê-los corretamente, sério, muito obrigada por toda forma de apoio e paciência que vocês sempre me dão.

Agradeço aos nossos professores pela transferência de conhecimento, pelo esforço em nos tornar bons geógrafos. Em especial agradeço ao meu orientador Professor Dr. Marcus Vinicius, por toda a paciência

Agradeço à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, que nos dá a oportunidade de sermos graduados por uma universidade pública fora da capital, que, embora jovem nos torna

profissionais maduros, não somente para o mercado de trabalho, como para o mundo, para a vida.

Agradeço a todos os servidores da Unifesspa, que durante essa jornada nos deram o suporte necessário para que pudemos concluir com tranquilidade o nosso curso.

Agradeço a todos os discentes que colaboraram com a minha pesquisa, migrantes das turmas 2017, 2018, 2019 e 2020, que se dispuseram a responder meu questionário, muito obrigada por vocês compartilharem comigo as informações que eu precisava para desenvolver o trabalho, sem a contribuição de vocês eu não teria conseguido terminar este trabalho com sucesso.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ocupação Populacional da cidade de Marabá até 1954	13
Figura 2 - Organização do Núcleo Urbano Nova Marabá	23
Figura 3 - Marabá: Evolução da expansão urbana (1920-2004)	29
Mapa 1 - Mapa de Localização do Município de Marabá-PA	36
Mapa 2 - Mapa dos níveis de centralidade do ensino superior no Sudeste Paraense em 2015.....	39
Mapa 3 – Mapa do índice de atratividade do ensino superior das centralidades no Sudeste Paraense em 2018.....	39
Mapa 4 – Mapa dos campi Unifesspa no Sul e Sudeste do Pará.....	41
Mapa 5 – Mapa das cidades de origem dos migrantes paraenses.....	48
Anexo 1 - Questionário De Conhecimento Sobre Alunos Migrantes Da Unifesspa.....	55 e 56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução Populacional de Marabá dos anos 1960 a 2010	28
Gráfico 2 - Demonstrativo de Composição Populacional Migrante em 2000	30
Gráfico 3 - Demonstrativo de Composição Populacional Migrante em 2010	31
Gráfico 4 - Série Histórica de Cursos Ofertados pela Unifesspa de 2013 a 2019.....	41
Gráfico 5 - Demonstrativo de Idade dos Migrantes Universitários	45
Gráfico 6 - Demonstrativo de Idade dos Migrantes Universitários	46
Gráfico 7 - Demonstrativo dos Estados de Origem dos Migrantes Universitários	47
Gráfico 8 - Demonstrativo dos Serviços Educacionais Disponíveis nas cidades de Origem dos Migrantes	49
Gráfico 9 - Demonstrativo de Idade dos Migrantes Universitários	50

RESUMO

A pesquisa objetivou identificar e analisar a dinâmica das mobilidades universitárias para a Unifesspa – Marabá/PA. Primeiramente foi realizada uma análise teórica sobre os conceitos de mobilidade populacional, analisada por diversos autores ao longo dos anos. Discutir o papel dos deslocamentos urbanos na formação da sociedade e da cidade de Marabá, bem como debater a elevação de Marabá na condição de cidade médias e a importância do polo universitário para essa condição. Analisar o perfil socioespacial dos movimentos migratórios realizados por estudantes que buscam a Unifesspa para a formação na educação superior, qual o tipo de deslocamento é efetuado por eles a fim de descobrir suas cidades/estados de origem no, qual eles se deslocam para cursar o ensino superior na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa, e descobrir quais os fatores que levam esses indivíduos a realizar este deslocamento. À vista disso, como forma de coleta de dados foram aplicados questionários de conhecimentos gerais para os discentes migrantes das turmas de 2017,2018,2019 e 2020 de vários cursos da Unifesspa. Apesar de haverem dados que demonstrem o crescimento da mobilidade universitária como forma de migração, bem como sobre a evolução funcional das cidades médias através da interiorização do ensino superior, pouco são ainda os estudos em específico sobre esses assuntos. Desta forma faz-se necessário pesquisas especificamente voltadas a analisar os fatores que mais influenciam a mobilidade estudantil pelo território e o papel das cidades médias nessas mobilidades.

Palavra-chave: Mobilidades – Discentes – Universidades – Cidades – Marabá

ABSTRACT

The research aimed to identify and analyze the dynamics of university mobility for Unifesspa – Marabá/PA. First, a theoretical analysis was executed on the concepts of population mobility, analyzed by several authors over the years. Discuss the role of urban displacements in the formation of society and the city of Marabá, as well as debating the elevation of Marabá in the condition of medium-sized city and the importance of the university center for this condition. To analyze the socio-spatial profile of the migratory movements carried out by students who seek Unifesspa for training in higher education, what type of displacement is carried out by them in order to discover their cities/states of origin in which they move to attend higher education at the Federal University of the South and Southeast of Pará-Unifesspa, and to discover the factors that lead these individuals to carry out this displacement. In view of this, as a form of data collection, general knowledge questionnaires were applied to migrant students from the 2017, 2018, 2019 and 2020 classes of various Unifesspa courses. Although there are data that demonstrate the growth of university mobility as a form of migration, as well as on the functional evolution of medium-sized cities through the interiorization of higher education, there are still few studies specifically on these subjects. Thus, it is necessary to research specifically aimed at analyzing the factors that most influence student mobility across the territory and the role of medium-sized cities in this mobility.

KeyWords: Mobilities – Students – Universities – Cities – Marabá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - MOBILIDADES POPULACIONAIS: UMA BREVE ANÁLISE TEÓRICA	7
CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO DA SOCIEDADE MARABAENSE: AS MIGRAÇÕES DO PASSADO QUE MARCAM A HISTÓRIA DA CIDADE	12
2.1 O capitalismo na Amazônia e seus fluxos migratórios	18
CAPÍTULO 3 - AS CIDADES MÉDIAS NO CONTEXTO SOCIOESPACIAL	32
3.1 Marabá como cidade média no sudeste paraense.....	35
3.2 A evolução das cidades médias para cidades universitárias.....	38
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS MIGRANTES UNIVERSITÁRIOS DA UNIFESSPA EM MARABÁ	44
4.1 Análise dos resultados.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51

INTRODUÇÃO

As mobilidades humanas e os fatores determinantes que definem cada migração, as categorias de processos migratórios que definem momentos históricos e as consequências que elas trazem no espaço são assuntos bastante discutidos nas ciências humanas, mas, por serem eventos atemporais e que ainda acontecem na sociedade atual, mantêm sua relevância nas discussões acadêmicas, principalmente ao considerarmos as constantes mudanças nas organizações políticas, religiosas e culturais do mundo, seus desdobramentos e alterações nos cenários sociais.

Desta forma, uma das peças importantes na história da formação das sociedades é a mobilidade, definindo a formação dos estados e cidades com seus contextos e transformações particulares a cada uma, e assim considerando as influências culturais e tradições dos sujeitos que realizaram mobilidades para esses lugares, tanto imigrantes — pessoas que partiram do seu país de origem e migraram para outro — como de migrantes, pessoas que se mobilizaram internamente no país —, que deixaram sua marca na história dos lugares por onde migraram.

Quando discutimos o assunto mobilidade espacial de sujeitos, tendemos a pensar que as motivações mais comuns das migrações em geral é resultado de conflitos por territórios, ou problemas econômicos e políticos, que, causados pelo grande capital que governa o nosso sistema, não deixa oportunidades de sobrevivência para os menos afortunados que encontram-no pelo caminho. No entanto, com as várias mudanças no sistema das coisas, as necessidades do sistema capitalista também mudam, onde havia apenas mobilidades dos tipos tradicionais, há na atualidade também, outras categorias de mobilidades, uma delas, e a que está ocorrendo com uma frequência crescente no mundo, é a mobilidade universitária.

Em advento das mobilidades ao longo da história serem geralmente definidos por fatores quase que predeterminados, além do alcance dos sujeitos simples, que por isso são os principais indivíduos atingidos pelas mudanças causadas nos cenários econômicos, de refugiados de guerras, pessoas que, devido a altas taxas de desempregos em determinado lugar, migram para outro em busca de melhores condições de trabalho, até pessoas que buscam um lugar seguro para suas famílias. Desta forma entende-se que as migrações só são definidas apenas por esses fatores, esquecendo-se muitas vezes de que existem outras possíveis razões para a ocorrência desses eventos.

Diante disso, tende-se a perceber somente os lados negativos dos processos migratórios, na maioria das vezes, pela forma como alguns eventos históricos de migrações acabaram por ser prejudiciais para o crescimento das cidades, por causa em parte, pela falta de políticas públicas que ajudassem a acomodar esses indivíduos corretamente, o que causou alguns agrupamentos urbanos e assim, formações de favelas e outros aglomerados urbanos em lugares indevidos. Tendemos desta forma a perceber as migrações como uma fase desfavorável de evolução da sociedade, e que traz em sua essência efeitos negativos, e as possíveis transformações que possam acontecer na cidade.

Ao analisarmos as várias transformações que a sociedade brasileira passou ao longo dos anos, entendemos que as muitas fases e oscilações econômicas, as revoluções culturais e os graves problemas políticos que o país enfrenta continuamente, moldam a sociedade contra quaisquer indivíduos “novos” que façam com que saíamos do nosso conforto ou que alguma forma altere a rotina do nosso dia a dia, mesmo que não envolva diretamente essas pessoas, mas, se pela chegada delas, algo no sistema for modificado e como coletividade sentirmos o efeito disso, tendemos a culpá-las e desacolhê-las e assim renegá-las para áreas mais afastadas dos centros urbanos.

Para além das consequências negativas das migrações, é preciso olhar para todos os benefícios e mudanças no sistema trazidos pelos migrantes, necessário desse modo explorar, os múltiplos níveis culturais, as experiências de vida, e de modo específico que será tratado nessa pesquisa, outras categorias de migrações que têm acontecido na atualidade.

Outra tipologia das mobilidades que já acontece por bastante tempo em cidades Amazônicas, e que atualmente está se tornando mais frequente enquanto as cidades se ajustam aos novos indivíduos e o que os atrai nesses lugares, a mobilidade universitária, e tem diferenciadamente influenciado nas modificações urbanas das cidades, ajudando muitas vezes a trazer um novo olhar para esses lugares, introduzindo possibilidades econômicas a serem exploradas, chamando atenção de uma categoria mais jovem e dinâmica para os atrativos educacionais que esses lugares oferecem, como, por exemplo, a cidade de Marabá, no interior do Pará, onde analisaremos mais a fundo o assunto.

Devido à complexidade e dinamicidade das sociedades, onde a todo momento passamos por transformações, as demandas educacionais também mudam. Onde antes nas cidades do interior do Estado do Pará, nossos antepassados mandavam seus filhos estudar na capital, hoje, pelo aumento de vagas nas universidades, a diversidade de cursos a serem oferecidos e o nível

de ensino oferecido faz com que agora, geralmente, os interesses estejam voltados para as cidades pequenas, médias e em crescimento dos interiores do Estado.

Apesar do número considerável de estudantes que realizam esse tipo de mobilidade pelo território nacional para fins de estudo, por ser um deslocamento que acontece há bastante tempo, realizado principalmente por indivíduos que saíam do interior para estudar em outros lugares, principalmente nas grandes capitais do país, para cursar Medicina ou Direito, chama a atenção, no entanto, pelo aumento oposto de casos, onde indivíduos buscam cidades do interior com mais vagas a oferecer do que concorrentes para esses estudantes que vêm de outra localidade, fazendo uma mobilidade de uma cidade a outra no próprio estado, ou até mesmo de um estado para o interior do outro.

Consequentemente, apesar de ser evidente um novo fluxo de sujeitos que têm como principal razão realizar mobilidade universitária, não há ainda muitos estudos sobre isso, muitas vezes devido às generalizações sobre como são caracterizados os migrantes, acabam não se encaixando no “migrantes”. O principal problema a ser facilmente remediado é em aceitar que nem todos os que realizam mobilidades, o fazem devido a problemas econômicos, por causa disso muitos pesquisadores prendem-se em generalizações e preconceitos que fazem com que muitas outras facetas dos processos migratórios sejam esquecidas e reduzidas predominantemente à busca por trabalho (CERQUEIRA; ROSÁRIO; SOEIRA E MORAES, 2010). Ou seja, apesar de haver outros motivos que podem fazer com que uma pessoa se mobilize de um local a outro, os primeiros motivos a serem considerados serão em sua maioria por trabalho ou pobreza.

Como residente desta cidade desde a infância, e filha de migrantes que saíram de Belém, na capital do Estado para Marabá quando está ainda se encontrava bem diferente do estado de desenvolvimento atual, mas que mesmo assim já mostrava sinais de crescimento, tinha oportunidades de emprego e mostrava ser uma cidade acolhedora para aqueles que vinham de fora. Desta forma, me sinto mais ligada a cidade do encontro dos rios Tocantins e Itacaiúnas e suas transformações que ocorreram desde seu tempo de formação até os dias atuais.

A proposta de analisar de uma forma diferenciada as mobilidades realizadas para Marabá, partiu de um interesse pessoal em conhecer a fundo os personagens e contextos históricos que a permeiam, bem como em analisar as motivações que levavam as pessoas a migrarem para esta região em tempos antigos e mais árduos, onde as dinâmicas econômicas e políticas eram bem diferentes dos tempos atuais, e a sua importância na formação e desenvolvimento da cidade, até chegarmos aos tempos contemporâneos e as motivações das

peessoas que realizam mobilidades universitárias, analisando como essas mobilidades podem também estar ajudando no desenvolvimento da cidade para as próximas gerações.

Devido à historicidade das migrações na formação de Marabá, sua localização geográfica perto do garimpo de Serra Pelada, o interesse do governo federal em diversas épocas, com seus investimentos e intervenções ao longo dos anos, e seus recorrentes ciclos econômicos que foram fatores motivadores dessas mobilidades, fizeram com que o município sempre fosse objeto de estudo de pesquisadores que buscavam analisar os fatores que ajudaram na concepção da cidade, principalmente quanto aos indivíduos que migraram em busca de trabalhadores.

Não obstante, à estes tipos de estudos que nos ajudam a entender as gerações passadas e como eles e se desenvolveram na cidade, para que posamos compreender a evolução da sociedade local analisa-se também, outras categorias de mobilidades populacionais que vem acontecendo em tempos mais recentes, neste caso em específico as migrações universitárias.

Em virtude disso, a pesquisa analisa os estudantes que realizam um deslocamento universitário em busca de uma vaga em Instituições de Ensino Superior (IES), independentemente de sua localização ou sua distância, realizam essa migração, suas principais motivações para essa mobilidade, as evoluções funcionais das cidades ocasionada por causa dessa nova busca pelas instituições, e como a implantação de polos universitários contribuem indiretamente para o desenvolvimento socioeconômico das cidades médias.

Nesse sentido, a pesquisa teve como questão central, a consolidação de Marabá na condição de cidade média e sua importância enquanto polo universitário contribuiu para a dinâmica recente dos movimentos migratórios? Centrando a questão principalmente a partir da mobilidade de estudantes que buscam a Unifesspa para a educação superior.

Por conseguinte, os objetivos específicos do trabalho foram: i) realizar um debate teórico sobre as migrações, discutindo as motivações clássicas para os movimentos populacionais e também a atualidade destes; ii) discutir o papel das migrações na formação da sociedade e da cidade de Marabá; iii) debater a consolidação de Marabá na condição de cidade médias e a importância da sua condição de polo universitário; iv) analisar o perfil socioespacial dos movimentos migratórios realizados por estudantes que buscam a Unifesspa (Campus Marabá) para a formação na educação superior.

A pesquisa tem como método de interpretação e de análise que condiz com o tema da pesquisa o Materialismo histórico e dialético, em que trata de analisar as formas onde o homem organiza as sociedades ao longo da história. Após escolhido o método no que teremos por base

de fundamentos para o argumento a ser discutido, serão aplicadas algumas técnicas de pesquisa como levantamento e análise bibliográfica sobre o contexto histórico de migrações na cidade, a formação histórica da cidade e atuação dos migrantes; coleta de dados através da aplicação de questionário ‘on-line’, no formato ‘Google Form.’, com os discentes migrantes pertencentes as turmas de 2017, 2018, 2019 e 2020 de todos os cursos regulares da Universidade Federal do Pará(Unifesspa).

Quanto aos dados sobre os cursos oferecidos pela universidade, estes foram obtidos por meio do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) de 2014 a 2019, elaborados pela Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (Seplan) da própria Unifesspa, além de alguns relatórios anuais de acesso público obtidos no site da instituição, também produzidos pela mesma secretaria. Quanto aos dados de migração estes foram obtidos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para fins de análise de aumento da população.

Deste modo, para a concepção desse trabalho foi realizada uma revisão teórica sobre as mobilidades em um contexto regional e municipal, analisando o papel das universidades como um novo fator motivador de migrações que contribui para o desenvolvimento e crescimento da cidade, a evolução das mobilidades universitárias dos discentes de vários cursos ofertados pela Unifesspa, simultaneamente, buscando compreender sua trajetória de migrações, os motivos que levaram esses indivíduos a realizar esse tipo de mobilidade para com o intuito de cursar a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa nos anos de 2017 a 2020; e assim identificar quais tipos de auxílios, bolsas, estágios o estudante recebe da universidade como ajuda para mantê-los em Marabá, ou se necessitam de alguma renda fora desses parâmetros; e se após formados, quais são suas escolhas e opções, o que os motiva a continuar na cidade ou migrar de volta.

A pesquisa será dividida em quatro capítulos onde o primeiro tratou-se de uma introdução ao que será trabalhado, a metodologia utilizada na pesquisa, os objetivos que buscamos alcançar com esta análise de Marabá onde se encontra alguns dos campi da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa); o segundo capítulo analisará as fases migratória que aconteceram no município de Marabá perpassando pelos principais ciclos econômicos que aconteceram na cidade, os personagens que tiveram uma grande relevância na formação da cidade, as divisões da sociedade e como os migrantes desses tempos eram percebidos. O terceiro capítulo discutirá os vários conceitos de cidades médias e como muitas delas podem ser definidas pelas suas novas funcionalidades, entre elas os polos universitários que passam a ser um dos fatores de atração para as mobilidades e, por fim o quarto capítulo

tratará dos resultados obtidos por meio formulários para os alunos migrantes dos anos supracitados.

CAPÍTULO 1 - MOBILIDADES POPULACIONAIS: UMA BREVE ANÁLISE TEÓRICA

Antes de nos aprofundarmos sobre as mobilidades que aconteceram ao longo da história de Marabá, se faz necessária uma breve explicação introdutória sobre a migração como uma forma de mobilidade espacial, suas principais bases conceituais e a constante modernização desse conceito, em virtude das mudanças da sociedade ao longo dos anos.

As mobilidades socioespaciais, realizadas por sujeitos que migram para diferentes lugares em variadas épocas, não são de forma alguma um assunto novo, nem mesmo um conceito pouco trabalhado pelos pesquisadores das várias ciências que representam o meio acadêmico.

Assim como a maioria das formas de sobreviver que usamos na atualidade foram ensinamentos deixados pelas gerações passadas, as mobilidades espaciais que realizamos atualmente também eram praticadas por nossos antepassados. Estudos apontam que, quando, em face de tempos mais frios e mais áridos que dificultavam o cultivo de alimentos e criação de animais, eles migravam para terras mais quentes ou lugares onde o solo era mais fértil. Ou qualquer lugar diferente daquele de origem, onde seria mais fácil, para eles, sobreviver. Mesmo que não soubessem das possíveis situações de risco que poderiam encontrar nesses novos lugares, migravam da mesma forma, visto que seria melhor enfrentar um perigo desconhecido, que eles poderiam encontrar formas de dominar, do que morrer de fome numa terra conhecida.

Temos, desta forma, os estudos sobre migração como mais uma forma descobrir nossas origens e a formação das sociedades a partir desses movimentos migratórios, as influências que eles tiveram nas localidades para onde migravam, os principais motivos que poderiam levar a essas migrações, como ficavam as cidades que não só recebiam esses migrantes e como eles eram tratados em sociedade, visto que em muitas épocas existia, como ainda é muito presente atualmente, um preconceito com os migrantes, além de segregações dessas pessoas que muitas vezes eram relegadas às partes mais sujas e mal desenvolvidas das cidades, caso que também ocorre ainda hoje, com as favelizações de muitos indivíduos.

À vista disso analisamos nosso passado histórico, livros e artigos escritos em diferentes épocas, investigamos os comportamentos e motivações desses sujeitos, de modo a desvendar as relações históricas que levaram a essas migrações, e como podemos, como sociedade, melhorar as nossas relações para não repetirmos os erros cometidos no passado.

Quanto ao conceito de migração, há nas Ciências Humanas uma diversidade conceitual que pode explicar as mobilidades socioespaciais, definidas por diferentes vozes que são unânimes em discordar sobre a existência de uma caracterização definitiva sobre as motivações por trás desses fenômenos, mas diante as suas possibilidades e análises das sociedades em seus momentos históricos, em que cada pesquisador testa a sua teoria, e após isso define um conceito que possa, geralmente, definir as migrações e o papel dela na formação das sociedades.

Em virtude das várias transformações constantes na sociedade, como, por exemplo, os ciclos econômicos, as mudanças de governança políticas que causam muitas vezes grandes impactos na economia e causam mudanças sociais por causa disso, os vários problemas políticos, que também podem ser classificados como um dos catalisadores para esses eventos, intolerâncias raciais e religiosas, além de várias outras variáveis possíveis que podem servir como questões motivadoras para essas mobilidades, desta forma, compreenderemos a sociedade em sua totalidade, e dessa ideia partimos para as particularidades que compõem os ciclos migratórios, visto que apesar da tentativa das generalizações ao se tratar das migrações, segundo Salim (1992, p.119), “[...]a migração tende a assumir feições próprias, diferenciadas e com implicações distintas para os indivíduos ou grupos sociais que a compõem e a caracterizam”.

Desta forma, as migrações podem ser classificadas tanto devido às categorias de movimento ou deslocamento espacial que representam, quanto aos tipos de mobilidades realizadas para as regiões, a primeira categoria faz referência aos tipos de movimentos migratórios: contínua, circular, intermitente, de retorno, por situação de domicílio, intra ou inter-regional e muitas outras denominações (SALIM, 1992, p.119).

A segunda categoria, explanada por Pierre George (1981), define as migrações em apenas três divisões,

A idade contemporânea, no sentido escrito do termo, correspondendo à duração de uma geração, não comporta senão três tipos de migrações. O primeiro é episódico; trata-se das transferências impostas por decisão política no termo de uma prova de força entre dois grupos nacionais. O segundo abrange as deslocamentos de maior ou menor duração, ligadas a uma complementariedade de oferta de força de trabalho e de mão-de-obra não especializada. O terceiro apresenta-se como prolongamento das grandes migrações de povoamento do século XIX e do início do século XX: migrações internacionais e intercontinentais que podemos qualificar *a priori* de definitivas. (GEORGE, 1981, p.102).

Onde o autor caracteriza as migrações, devido às guerras, em que pessoas muitas vezes, para sobreviverem, fogem de seus países de origem, e por situações políticas não conseguem voltar aos seus locais de origem, podem ser considerados em situações duradouras de mobilidade; os deslocamentos por ofertas de trabalho, que também podem ser definidas como

pendularias ou temporais, onde os responsáveis familiares realizam essa categoria de migração, em saem temporariamente dos seus locais de moradia atual, e vivem por um certo período em outras localidades, geralmente realizado por pessoas que trabalham durante a semana em grandes centros urbanos, mas que moram em cidades dos interiores, bem como por indivíduos que trabalham em tempos de colheita de alguns alimentos.

E, por fim, o terceiro tipo de definição, que destina ao aumento populacional de outros lugares, que, de certo modo, remonta às primeiras migrações realizadas nos séculos passados, onde estrangeiros emigravam para áreas “despovoadas”, como acontecia nas colonizações em séculos passados, e se trouxermos para nossa realidade, veremos que tivemos isso em nossa história, quando o Governo Militar, em 1970 adversava a região Amazônica como “abandonada” que possuía várias áreas de terras a serem ocupadas.

Há ainda as definições que explanam algumas teorias gerais sobre as motivações dos indivíduos que realizam as mobilidades, em que discute a possibilidade das mudanças ocorridas no meio social que essas pessoas viviam e que devido a situações diversas, podem ter sofrido alterações, que assim fizeram com que as pessoas tivessem que migrar, assim este deslocamento torna-se um mecanismo que reflete mudanças nas relações entre as pessoas e o ambiente físico onde as mesmas se estabelecem (BECKER, 1997). Desta maneira, podemos definir como um dos principais fatores que onde as pessoas realizam migrações, seria a constante necessidade do ser humano de se encaixar, de pertencer há algum lugar, e quando esta ligação se perde, começamos assim uma nova busca por outras regiões.

Desta forma podemos analisar que os estudos sobre as mobilidades podem ser entendidos como mecanismos utilizados pelos pesquisadores geralmente, para haver um maior entendimento quanto às possíveis questões matriciais na conjuntura espacial onde os sujeitos encontravam-se que levaram os seres humanos a mobilizar-se para outras áreas, que na perspectiva dos migrantes, oferecia melhores condições de sobrevivência, muitas vezes não só para si como também para seus agregados familiares que migravam por vez junto à eles.

Devido à essência dos estudos sobre migração ser sobre a natureza humana e suas relações com o espaço, leva ao questionamento se a Geografia também se encaixaria como um dos seus campos de estudo. Contudo, justamente devido às suas relações com o meio, as alterações que os migrantes causam no espaço geográfico, não somente para o espaço que migram, como também aqueles que eles saem, concebem às mobilidades um aspecto importante e que cabe um aporte dessa ciência, em especial da Geografia Humana que justamente tem

como estudo as dinâmicas populacionais, suas transformações no espaço e os processos de urbanização.

Isto posto, enfatiza-se a relevância das pesquisas sobre as mobilidades espaciais, dando atenção aos erros cometidos pela sociedade nos tempos passados, analisando os fluxos migratórios desses tempos, comparando-os com os fluxos de mobilidade atuais, analisando suas mudanças e revisando os conceitos desenvolvidos na década de 1970, que, apesar de serem escritos em outros tempos, ainda se aplicam na atualidade, e se assim for necessário, reformular alguns conceitos conforme o comportamento das migrações na atualidade.

Quanto aos estudos produzidos nacionalmente sobre esses acontecimentos, temos ademais de nossos escritores, que tem em sua origem formações relacionados a pesquisas ou estudos sobre as questões sociais, órgãos governamentais, entidades privadas, e até mesmo parcerias entre universidades públicas e instituições de pesquisa, que buscam entre outras coisas entender as migrações, seus motivos e quais são as carências enfrentadas por essas pessoas nos seus lugares de origem que podem ter motivado essa mobilidade espacial.

Na história de formação do nosso país, como acontece na maioria dos países, principalmente os mais subdesenvolvidos onde a maior parte das decisões governamentais não são pensadas para o bem da população necessitada, mas sim para que os grandes organizações privadas fiquem com um lucro maior do que elas já produzem, as variações no setor econômico são um dos fatores que podem causar alterações nas sociedades, onde até mesmo uma pequena mudança em alguns setores de produção, em especial no setor agrícola, pode levar ao desenvolvimento de um novo fluxo migratório.

À vista disso, um desses fluxos migratórios que marcou a história do Brasil por sua intensidade e repercussão, foram os êxodos rurais ocorridos desde a década de 1950, ocasionados pela implantação da Revolução Verde nas grandes áreas agropecuárias, que conforme o incentivo do governo em expandir o comércio de alimentos brasileiros no exterior, implantou invenções tecnológicas nos campos e nas criações de animais, o que diminuiu muito a necessidade de pessoas para realizar trabalhos braçais, agora realizados por máquinas, resultando na migração de pequenos produtores e demais pessoas que dependiam desses tipos de trabalhos para sobreviver, para as grandes cidades.

Assim por muitos anos o destino mais escolhido para os migrantes que passavam por problemas semelhantes, que por falta de opções de sobrevivência, eram obrigados a migrar para os grandes centros urbanos, especialmente as grandes capitais do país, São Paulo e Rio de Janeiro, que pela sua superioridade em crescimento devido às grandes indústrias nelas

implantadas, chamava a atenção dos sujeitos que a procura de emprego, tornaram-se destinos constantes das migrações internas.

Isso não foi um problema por um tempo, visto a necessidade constante das indústrias por trabalhadores por muitas vezes com formações medianas ou básicas, dispostos a exercer os trabalhos que muitos não gostariam, por valores abaixo do ideal e com poucos ou nenhum benefícios garantidos em caso de problemas de saúde, sendo facilmente substituídos por outros sujeitos dispostos a aceitar o trabalho, até que as cidades ficaram muito cheias, o que acabou por ocasionar um inchaço populacional que necessitou de intervenções governamentais, para difundir esses fluxos migratórios para outras partes do país, que estavam “desabitadas”.

Podemos observar desta maneira, que as migrações fazem parte de um capítulo importante na formação dos países, em especial no Brasil, pelos seus constantes problemas políticos que refletem na economia, visto como os interesses de um estão ligados ao do outro, em que mesmo que seja preciso destruir as regiões de mata natural, e expulsar pequenos produtores de suas terras, em nome de um lucro maior, que possivelmente trará mais desenvolvimento e investimentos para o país, que não chegue nem a metade dos valores arrecadados nas mãos das pessoas carentes, mas que chega superfaturado nas mãos das grandes forças políticas que governam o país.

Em se tratando da importância das mobilidades socioespaciais para a formação de um território, destacaremos os principais ciclos econômicos que marcaram a formação de Marabá, analisando as transformações urbanas e socioeconômicas resultantes desses ciclos que ajudaram no desenvolvimento da cidade, que no princípio era tida como uma cidade perigosa e desconhecida por muitos, até seu estado atual, um dos principais polos econômicos e educacionais do sul e sudeste do Pará.

CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO DA SOCIEDADE MARABAENSE: AS MIGRAÇÕES DO PASSADO QUE MARCAM A HISTÓRIA DA CIDADE

Para melhor entendermos as mobilidades realizadas na atualidade, e as modificações que a sociedade passou ao longo dos anos e como isso fez com que Marabá mantivesse a sua relevância, mesmo quando em face dos piores cenários econômicos ou políticos, que pudessem prejudicar a estima da cidade, concretiza-se assim uma análise do passado de modo a entender o papel das mobilidades populacionais na formação da sociedade marabaense.

Ao estudarmos os registros históricos da cidade, podemos perceber a importância das migrações para a área que antigamente era tão disputada não só por suas possíveis riquezas escondidas nas matas, como também pela sua vantajosa localização que faria com que muitos anos depois essa região passasse por várias transformações, e mantivesse a sua importância, mesmo diante de novos tempos e novas necessidades do mercado, a Marabá ainda se mantém como um dos polos centrais de migrações do sul e sudeste do Pará.

A história de uma localidade não teria início sem as famílias pioneiras que ajudaram na estruturação e formação da cidade nos tempos passados, embora seja de conhecimento geral que oficialmente as terras que foram “colonizadas” a partir de 1895 eram habitadas por várias tribos indígenas, esses não são importantes o suficiente para serem descritos nos relatórios gerais dos órgãos de pesquisa governamentais que como acontecera ao longo dos anos posteriores, tem o hábito de descrever as áreas da região Amazônica como “desabitadas”. Isso posto, um dos nossos primeiros personagens históricos, e fundou o Burgo Agrícola, que mesmo não tendo dado certo por muito tempo, foi o suficiente dar origem os alicerces de Marabá.

Assim como a maioria dos sujeitos que migram para outros lugares por causa problemas políticos, que nesse caso em específico ele mesmo iniciou pela sua participação como deputado no partido florianista em Goiás, Carlos Gomes Leitão mobilizou-se com sua família e companheiros mais próximo para Marabá, que contavam com “[...] vaqueiros, agricultores, comerciantes e antigos proprietários de terras de Goiás e do Maranhão [...]” (EMMI, 1988, p.31); contando apenas com a ajuda dos 10 contos de réis, um auxílio dado pelo Governador Lauro Sodré para o desenvolvimento e povoamento da região, que basicamente consistia na missão de Leitão ao construir o Burgo, expandir a produção agropecuária na região, desenvolvendo inicialmente uma colônia agropecuária que também serviria como atrativo para a localidade para fluxos migratórios.

Todavia, a localização escolhida para tal façanha não se mostrou muito apropriada, visto que devido ao conhecimento estreito que ele tinha sobre a área, baseado inteiramente nos anos

em que ele passava por entre as terras de Marabá para Goiás, e a falta de uma maior exploração e busca de informação sobre o lugar onde estavam habitando, decidiram permanecer numa área considerada por eles elevada, próximo à margem esquerda do Rio Tocantins, onde Leitão fundou o Burgo Agrícola do Itacaiúnas, que devido à sua localização próxima do rio, era alvo de cheias constantes e após três longos anos, passados com vários episódios de enchentes, seus residentes resolveram mudar-se para as áreas consideradas mais altas e longe das doenças e enchentes que passavam no Burgo.

A situação só seria resolvida quando o comerciante Francisco Coelho, três anos depois em 1898, vindo do Maranhão, se instalou na margem direita do rio Itacaiúnas, no pontal entre os dois rios, Itacaiúnas e Tocantins, onde instalou a casa comercial Marabá, que entre as muitas coisas, realizava aviamentos e financiamentos para os caucheiros, vendia e transportava a castanha e o caucho, que foram na época fatores muito importantes na história da cidade.

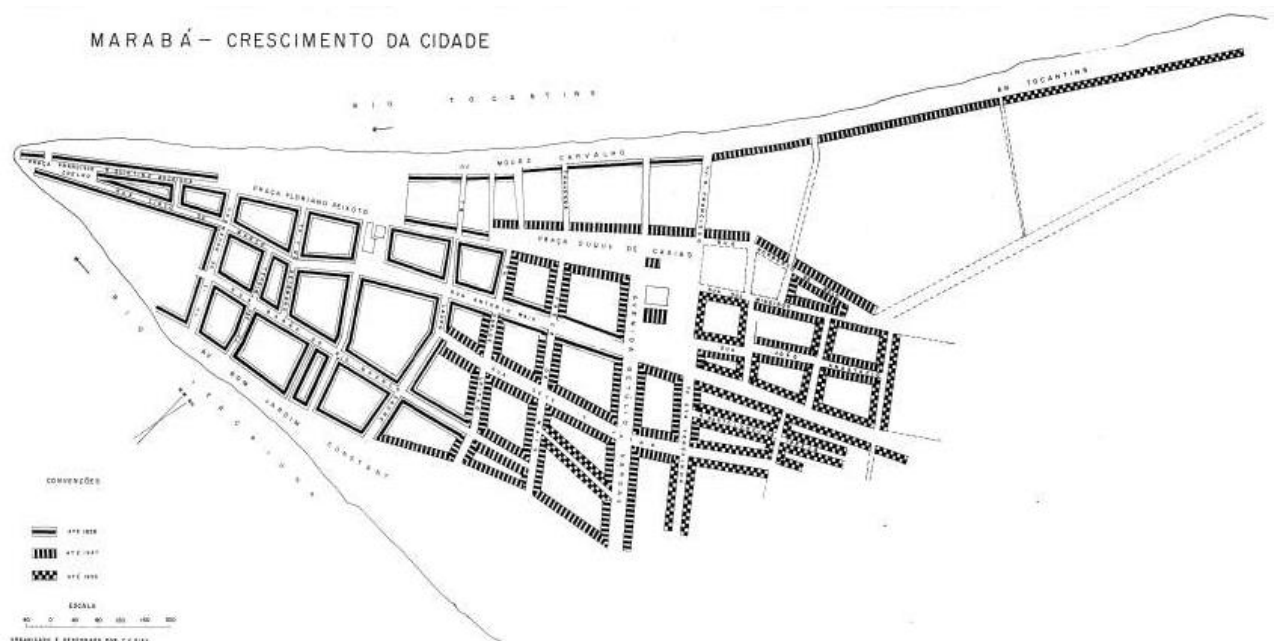


Figura 1. Ocupação Populacional da cidade de Marabá até 1954
Fonte: DIAS (1958) apud SOUZA (2015)

Assim como demonstrado na Figura 1 anterior, o pontal passou a ser habitado pelos demais cidadãos que moravam no Burgo, que a cidade começou a se desenvolver até chegar ao seu estado atual, mesmo que ainda houvessem muitos problemas a serem superados, o mais importante deles a questão da saúde, em especial os casos de malária e dengue que eram bastante presentes na região e afetavam muitas pessoas, como também a constante violência que por muito tempo foi um dos fatores que afastava os migrantes da localidade.

Quanto as cheias, por causa da proximidade da cidade com os rios, nunca podem ser resolvidas de fato, apenas evitado, como muitas famílias fizeram ao se mudarem para as áreas

mais altas da cidade, que hoje constituem os Bairros Cidade Nova e Nova Marabá, sendo este último considerado por um tempo como um dos bairros mais organizados da cidade, concebido por meio dos projetos de desenvolvimento urbano do Governo Federal na década de 1970.

Conforme mencionado, anteriormente Marabá já era um caminho usado por vários viajantes com destino ao Goiás Velho (atual Tocantins), e vaqueiros para transportar gado, que sabiam de suas vastas terras que poderiam ser úteis para pastagem, e assim, como bem localizadas, também facilitariam no transporte dos animais, havendo também a crença na lenda dos ‘campos gerais’, que quando descobertos e ocupados trariam muitas riquezas e prosperidades para quem os usasse, o que atraiu de fato muitos sujeitos para a região, que buscavam descobrir os campos. No entanto à época em que foi pensado o desenvolvimento da frente agrícola na região, entrou em conflito com as épocas de extração do caucho, matéria prima do látex, usando principalmente para a produção de borracha e castanha que se mostraram bem mais rentáveis naquele momento do que a frente agropecuária a ser expandida.

Em advento da presença de dois fortes comerciantes que fundaram a cidade, havia uma crença geral por entre a mão-de-obra migrante de que Marabá seria o cerne de prosperidade, onde em suas matas inexploradas existira muitas riquezas a serem encontradas, mito que foi alimentado por muito tempo entre os trabalhadores, fazendo até mesmo com que muitos caucheiros e castanheiros entrassem na mata a procura dessa riqueza mesmo que custasse a vida deles.

Com a descoberta do caucho e da castanha, em primeiro momento do caucho, pela importância da borracha no comércio internacional tornou-se uma forte atração para os migrantes no fim do século XIX, segundo Velho (1981, p.35), “a certeza do caucho atrai multidões de muitas partes, especialmente do Maranhão e do Norte de Goiás, [...] e também do Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia e outros Estados”; e em conseguinte a castanha no início do século XX, mesmo que já houvesse essa exploração a nível nacional, se tornou um produto muito requisitado nos centros europeus, fazendo com que Marabá fosse por um tempo também um dos maiores centros de extração e distribuição de castanha da região Norte.

Estes ciclos econômicos contribuíram assim para o crescimento populacional inicial da cidade, da mesma forma como também atraiu vários comerciantes, tanto nacionais, podendo ser dos mesmos estados citados anteriormente, como de outras partes do país, bem como estrangeiros, em especial, sírio-libaneses que já tinham seus comércios em outros lugares, e que por causa disso mostravam-se superiores aos demais comerciantes que por ali chegavam e construía suas riquezas através de suas casas comerciais.

Desenvolveu-se na região também as vertentes de migrações comerciais, onde comerciantes de outras cidades, geralmente de capitais mais desenvolvidas, aventuraram-se por entre os municípios mais longínquos e que apresentam grandes possibilidades à serem exploradas pelos comerciários, visto que eles tinham um papel muito importante no sistema mercantil da época, interferindo não só na venda dos materiais necessário aos sujeitos que iam para as matas, por meio dos sistemas de aviação, na compra das matérias-primas coletadas por valores mais baixos do que eles valiam, havendo ainda a manipulação das balanças, como muitas vezes também no transporte para as capitais desses produtos, segundo Velho (1981), “muito mais do que no caso do Burgo, sua função primordial era o comércio. [...]; Marabá logo prosperou e tornou-se centro de polarização para uma vasta zona, [...] em termos de atração de contingentes populacionais” (VELHO, 1981, p.37).

Os comerciantes também eram na maioria fazendeiros que ao perceber os grandes lucros que estavam sendo obtidos pela venda dos produtos as casas comerciais por um baixo custo, principalmente as sacas de castanha, para serem posteriormente vendidos por um preço maior ainda nos grandes mercados, não perderam tempo em investir nesse negócio, segundo Velho (1981), “ aqui, a posse do capital e dos meios e canais de comercialização antecede a questão da posse da terra”. Principalmente por que nessas épocas iniciais de extração, existiam áreas de livre exploração, ou seja, que não tinham nenhum fazendeiro que exigiria o máximo dos seus caucheiros e castanheiros lhes pagando o mínimo em advento do sistema de arrendamentos que muitos abusavam e tinham como instrumento de imposição mercantil. Por serem pessoas da sociedade, que recém-formada não tinha muita estrutura gerada, se assegurava nos princípios de lei daqueles que tinham mais posse e poder.

Mesmo quando os casos de violência eram originados pela forma que os próprios fazendeiros, que possuíam arvores de caucho e castanha, lidavam com os caucheiros que eram seus subordinados, geralmente por problemas de pagamento indevido ou insuficiente pelo caucho recolhido, ou mesmo quando estes eram enfrentados pelos trabalhadores sobre o tratamento na maioria das vezes desumano que sofriam, eram recebidos com arrogância e amedrontados pelos jagunços dos patrões que faziam o trabalho de “pôr na linha” os trabalhadores rebeldes, conforme averiguado e relatado por Sampaio (1967), “[...] A lei, o direito, eram ditados pela “voz” do 44 de papo amarelo. [...]A autoridade era o patrão que dispunha de maior número de seringueiros ou capangas às suas ordens. [...]”. (SAMPAIO, 1967, p. 12 apud EMMI, 1999, p. 38 e 39).

Dessa forma, a hierarquia social da cidade ia se formando, partindo dos donos de fazenda de castanha e caucho que tinham poder sobre os indivíduos da cidade, seguidos pelas

grandes famílias de comerciantes, seguidos pela base da pirâmide hierárquica composta pelos migrantes que eram tidos em sua maioria como forças braçais de base, barqueiros, vaqueiros, agricultores, caçadores, pescadores, caucheiros, castanheiros, garimpeiros, etc.

Devido aos movimentos criados pelos migrantes que vinham explorar esses produtos, bastante cobiçados por sua possibilidade de serem vendidos para comerciantes nacionais e exportadas do Brasil, a cidade começou a crescer, de um pequeno povoado às margens dos rios, para um pequeno bairro formado por migrantes, tomando forma com a participação dos comerciantes, que se sustentavam com a venda de materiais, serviços e entretenimentos de várias formas para os sujeitos que voltavam cansados após semanas embrenhados na mata. Essas migrações eram sazonais, comandadas pelas épocas de safra e colheita das mercadorias.

Muitos viajantes tinham como costume de passar um tempo na cidade, buscar o resto da família a fim de conseguir mais postos de trabalhos, eram sujeitos que, fugindo da seca e da fome que ainda assola algumas áreas do interior do Nordeste, principalmente no Piauí, migravam para Marabá em busca de uma vida melhor e que, de uma forma ou de outra, conseguiam se manter na cidade, visto que muitos sujeitos conseguiam encontrar trabalhos, mesmo fora dos tempos de safra e colheita de castanhas e da coleta do caucho, “[...] na agricultura, na pecuária e nos garimpos de diamantes existentes nos pedrais do Tocantins” (KLUCK, 1984, p.176 apud SILVA, 2006, p.35).

Desta forma, os migrantes exerciam um papel muito importante na sociedade, visto que eles representavam uma grande parcela populacional e que assim movimentavam o comércio que existia na área, pois “a vida regulada pelas circunstâncias estava associada às migrações e às atividades sazonais desenvolvidas pelos migrantes pobres” (SILVA, 2006, p.34). Desta forma a população de Marabá vai se formando e crescendo em diversidade com migrantes advindos principalmente do Maranhão, Piauí e Pernambuco, sendo constantemente renovada pelos comerciantes flutuantes que passam pela cidade para vender seus produtos e quando achavam propício acabavam por ficar pela cidade.

Mesmo quando em face do fim do apogeu da venda do caucho no início da década de 1900, a cidade de Marabá em comparação com os demais municípios que viviam basicamente da extração do caucho e do látex das seringueiras, não passou por declínios e nem maiores problemas econômicos. Isso devia em parte da economia extrativista voltada para a coleta de castanhas, que até o momento era usada como um alimento comum, para consumo dos trabalhadores que entravam na mata, e para alimentar os animais, agora era uma das amêndoas

mais populares entre os mercados americanos e ingleses, que por ser uma iguaria exótica brasileira se tornou moda entre os consumidores do chá e de doces.

Por causa desse interesse renovado pela castanha, as terras livres, também chamadas de devolutas, ao longo do rio Tocantins que continham muitas áreas de castanhais, foram muito requisitadas por comerciantes e latifundiários que viam essas áreas como uma forma de aumentar seus lucros e autoridade sobre os migrantes, que por conexões governamentais conseguiam adquirir as terras utilizadas por muitos trabalhadores, e que assim foram obrigados a trabalhar para esses senhores por aviamento, um sistema que já era presente pela extração do caucho, mas que se intensificou no ápice das explorações da castanha. Desta forma Marabá passou a ser dividida, até meados de 1950, em castanhais ou fazendas pecuaristas, que controlavam o acesso a esses lugares.

O que não fez com que diminuísse os fluxos de mobilidade populacional, apenas adicionou mais uma forma de sobrecarregar os castanheiros, que na hora da pesagem e venda para os comerciantes, esses últimos costumavam ludibriar os catadores na hora do repasse das castanhas, a exploração e venda dessa mercadoria ainda era um negócio mais conveniente e vantajoso para os comerciantes da época.

Como mencionado previamente, a hierarquia social da cidade foi se formando desde os tempos de sua fundação e como essas relações de poder agiam no território, geralmente, as grandes famílias de comerciantes, latifundiários e transportadores que também eram em sua maioria donas de castanhais, por suas ligações políticas, consideravam-se donos do município, em especial o comerciante e então Secretário Geral do Estado do então Governador Lauro Sodré em seu segundo mandato (1917–1921), Deodoro de Mendonça e seus parentes, que durante seu tempo de secretariado, empregou em todos os cargos em que ele podia influenciar, seus parentes, controlava o transporte e venda da castanha e o recebimento das mercadorias em Belém, além de muito convenientemente ser encarregado das concessões de terras através de arrendamentos concedidas pelo Estado, função que desfrutou bastante durante o seu mandato (EMMI, 1988).

Sendo responsáveis desta forma por uma espécie de controle sobre o município, tendo as bases do coronelismo, ao longo de toda a década de 20 até o fim da década de 60, quando não somente forças as forças nacionais começaram a tomar conta de Marabá, como também os empreendimentos capitalistas começaram a coexistir na cidade, iniciando um período de constantes disputas entre as oligarquias locais que queriam manter um monopólio sobre as terras castanheiras e os outros grupos sociais, bem como os migrantes mais humildes, que

faziam partes dos movimentos sociais de luta pela terra, e que também não aceitavam esse controle pela terra exercido pelas famílias oligarcas da cidade.

Assim mesmo com o fim do mandato de Deodoro de Mendonça, e muitos de seus negócios sendo transferidos, essa categoria de modo de domínio já estava difundido na cidade, onde muitos indivíduos de famílias poderosas da cidade, que construíam seu respeito pelo medo e intimidação, mandavam e desmandavam na cidade como lhes conviesse, não temendo de forma alguma represália do governo ou qualquer órgão regulador de terras, na maioria porque muitos compravam pessoas e terras de todos os lados, ou tinham parentes que facilitavam caso houvesse alguma investigação ou prisão de qualquer tipo. Uma realidade que infelizmente ainda acontece em muitas cidades dos interiores da selva Amazônica que são deixadas à própria sorte pelos governos, que de forma indireta incentivam na exploração desses lugares.

2.1. O capitalismo na Amazônia e seus fluxos migratórios

Passada essa fase da exploração da castanha, um dos ciclos econômicos mais estáveis que a região passou, e o fim do mandato de Deodoro de Mendonça, muitas outras fases econômicas estavam para desenrolar-se, trazendo consigo fluxos migratórios mais diversificados e causando mais mudanças nos cenários regionais. Antes mesmo das mudanças ocorridas na década de 1960, com as intervenções diretas do Governo Militar sobre a região Sudeste do Pará, era notável o crescimento populacional constante nos municípios da região que viviam da agricultura e do manejo agropecuário, bastante presente ainda na cidade de Marabá, bem como do mercado extrativista de castanha, resquício do auge da exploração da amêndoa que durante muitos anos foi o suficiente para manter as populações que moravam na região.

No entanto, apesar das evoluções econômicas que a região sudeste paraense estava passando, ainda não era suficiente para o Governo Federal da época, que visando utilizar os espaços considerados “vazios” da região, e que assim careciam de projetos desenvolvimentistas que ajudassem no crescimento econômico do estado, que concomitantemente seriam o pontapé inicial para a integração das regiões amazônicas ao resto do país, foi criada em 1953, a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), que tinha como objetivo principal assegurar que a Amazônia fosse ocupada pelos brasileiros, visto haver um medo constante de que os outros países fossem explorar essas áreas e tomar-lhe as riquezas que aqui encontrassem, desenvolver a Amazônia para ser integrada econômica e socialmente as

demais regiões do país, como também elevar os padrões de vida das populações locais, para elas contribuírem economicamente para o futuro da região (PETIT, 2003 apud SOUZA, 2015).

Fez necessário desta maneira uma ligação rodoviária que retirasse o isolamento das regiões do interior do Estado do Pará e os conectasse com as demais regiões do país, motivo que levou à construção e instalação da rodovia Belém-Brasília, que segundo Becker (1978, p.113), “foi a primeira artéria estabelecida para ligar a Amazônia ao centro do sistema espacial nacional”, assinalando deste modo o fim da dependência exclusiva dos rios, que ligavam as cidades e vilas e assim serviam como as “estradas” para as pessoas que moravam na região.

Determinando assim um novo ciclo de migrações com os mesmos tipos de sujeitos, mas que mostravam interesses diferentes dos anteriores, “o fluxo migratório antes dirigido para localizações às beiras dos rios (cidades e aglomerados), nesta nova fase dirigiu-se também para as beiras das estradas, formando novos aglomerados” (SILVA, 2006, p.37). Como consequência disso, houve um desdobramento de interessados pelas terras próximas a ela, não somente da parte da elite local da região como também de outras partes do país, bem como uma massa de migrantes provenientes em sua maioria da região Nordeste, e posseiros que em busca das terras para que pudessem ocupar, preenchiam pequenos espaços disponíveis ao longo da rodovia.

A partir da criação da SPVEA, abriram-se as portas para ocupações, construções de projetos monstruosos impulsionados pelo governo da época, que tinham como premissa “ajudar a desenvolver” a região, poluição dos rios e cursos d’água, poluição dos solos, queimadas, desmatamentos, expulsões de comunidades humildes, grandes conflitos sociais, gerados pelas empresas estatais nacionais e internacionais que se instalaram na região. Se somarmos ainda como fator preponderante Ditadura Militar instaurada em 1964, percebemos uma intervenção mais agressiva com relação a ocupação dos territórios amazônicos.

À vista disso, um dos fatores iniciais de exploração, que trouxe consigo várias outras mudanças, foi a descoberta “acidental” das jazidas de minérios localizados na serra dos Carajás no final dos anos 60, onde pesquisas geológicas realizadas nessa região mostraram a presença de jazidas de manganês, níquel, cobre com ouro associados, inicia-se pelo Governo Federal um interesse renovado no sudeste paraense, que considerou esse achado como uma abertura para novas possibilidades de investimento na região. O projeto tinha como objetivo alcançar um crescimento econômico harmônico, com a criação de empregos, industrialização da região Norte e aumento da capacidade do país em honrar com a dívida externa.

Assim sendo, Marabá por sua funcionalidade como uma centralidade na área de abrangência do Projeto, serviu inicialmente de centro de apoio logístico, onde muitos operários, garimpeiros e demais pessoas que atraídos por essa nova fonte de riquezas na Amazônia, poderiam se instalar de modo a trabalhar na Serra dos Carajás.

Como por efeito dessa descoberta e demais empreendimentos que estavam se instalando na região, em 1966 foram criados, o Banco da Amazônia S/A (BASA) e a Superintendência de Desenvolvimento Econômico da Amazônia (SUDAM), que tinham como função servirem de apoio econômico e fiscal para as atividades a serem desenvolvidas na região, a SUDAM tinha como finalidade, atrair com várias reduções de imposto e facilidades de crédito, e monitorar as ações estatais e federais na Amazônia, já o BASA prestava apoio às empresas, proporcionando financiamento para a implantação dos empreendimentos.

Assim as mudanças estruturais no cenário da região atingiram um novo ponto quando houve o início da construção e abertura da Rodovia Estadual PA-70, depois federalizada como BR-222, ligando a cidade à Rodovia Belém-Brasília (BR-010), que determinaria o começo de uma nova fase de crescimento para a cidade, em que passariam as rodovias, e suas circunvizinhanças, visto que, segundo o governo da época era necessária uma ligação entre o Pará e o resto do Brasil, para que houvesse um desenvolvimento apropriado desses territórios.

Deste modo a visão que o poder público da época tinha sobre a Amazônia era de possibilidades econômicas infinitas e um povo subdesenvolvido que não sabia como explorar isso, o que segundo eles, era justificativa suficiente para que os projetos de desenvolvimento fossem empurrados goela abaixo na vida dos habitantes dessas regiões, visto que segundo eles,

o principal obstáculo ao desenvolvimento econômico da Amazônia é o fato de ser um território escasso e esparsamente povoado, com uma população analfabeta, conservando, em grande parte, as características de economia pré-capitalista, semiisolada em relação aos grandes centros urbanos da Região [...]. Enquanto a Região continuar na dependência de atividades primárias de baixa produtividade, não se conseguirá elevar o padrão de vida das populações locais e integrar a economia regional na economia nacional. (BASA, 1967, p.277 e 285 apud SILVA, 2006, p.39).

Nessa perspectiva, as principais estratégias governamentais giraram principalmente em volta da implementação de projetos de “colonização e ocupação” da região. Durante esse processo o Estado tinha um papel de mediador entre os interesses da sociedade, e as estratégias de uso dos recursos naturais por parte das empresas multinacionais e transnacionais. Subsequentemente, uma das principais mudanças ocorridas na região nos anos 70, em vista de facilitar não só o escoamento dos minérios, como também facilitar os acessos de mão de obra ao Programa Grande Carajás (PGC) e aos municípios circunvizinhos, foi a abertura das rodovias

Transamazônica (BR-230) e a Cuiabá-Santarém (BR-163), bem como a transformação da região em área de Segurança Nacional, para que fossem restritos os movimentos dos participantes da Guerrilha do Araguaia acontecida no início dos anos 70, que tinham supostamente se escondido nas áreas de mata de Marabá e outros municípios.

O governo esperava que com a abertura da Transamazônica houvesse uma diminuição dos conflitos nas regiões rurais do Sul, Sudeste e Nordeste, já que como estímulo para essas mobilidades para a Amazônia, foram oferecidos lotes de 100 hectares por família, nas terras disponíveis ao longo desta rodovia. O que principiou várias disputas pelas terras do sudeste paraense que se arrastaram por muitos anos e vários governos, teve como personagens posseiros, as populações tradicionais que ainda habitavam a região, e os grandes detentores do capital, sendo esses últimos os mais ardilosos quanto à essas disputas, usando todos os artifícios possíveis para adquirir as terras, desde intimidação direta até ligações políticas que tivessem influências no Governo, e acabou culminando com o ‘Massacre de Eldorado dos Carajás’, em 1996, que teve uma grande repercussão negativa sobre a Amazônia não só nacional como em jornais internacionais, que mostravam repúdio à falta de resposta à esses conflitos de terra, que acabou por fim culminando na morte de várias pessoas.

Ao passo que esse acontecimento se tornou uma mancha negativa e permanente na história dos migrantes no sudeste paraense, as disputas por terras amazônicas nunca cessaram de fato, nem mesmo os que por d’ela tem direito desde a nascença, povos indígenas e comunidades tradicionais, ficam imunes a força das ações destrutivas do agronegócio capitalista que por suas poderosas conexões com todos os tipos de setores políticos e econômicos, movimenta-se silenciosamente e fatal para aqueles que não tem força para combatê-los.

Quanto a situação das terras dos já residentes de Marabá e demais migrantes que chegavam devido à abertura das rodovias tinham como escolha primária o bairro Velha Marabá, o local mais desenvolvido até 1970, e com uma pequena disponibilidade de áreas livres o suficiente, mas que servia para acomodar a construção de casas era uma das únicas saídas de moradia para as pessoas, que mesmo em tempo de cheias não tinham muitas vias de escapatória visto que até o momento as outras áreas elevadas da cidade eram fechadas, grandes fazendas castanheiras e bovinas que não davam boas-vindas para os refugiados das cheias.

Devido a esse novo contingente de habitantes, somado às limitações físicas do núcleo pioneiro e as enchentes recorrentes que ocorrem anualmente nesse local, em especial uma das grandes cheias dos rios em 1970 que cobriu quase completamente todas as casas e pequenos

prédios do núcleo, tiveram grande contribuição para que o Governo Federal percebesse a necessidade de desenvolvimento de um Plano de Desenvolvimento Urbano em Marabá (PDUM) para ser planejado e implantado novos núcleos urbanos na cidade que atendesse essa população, e que assim desenvolvesse outras áreas da cidade.

Ante as várias mudanças políticas consentidas na cidade, uma das mais importantes foi a troca de prefeitos escolhidos pelas oligarquias locais que durante os seus anos de governança realizavam pouca ou nenhuma melhoria na infraestrutura da cidade, pelo capitão Elmano Melo, escolhido pelo Governo Federal, do recém estabelecido na cidade 52º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS), que durante seu comando tinha como principais premissas de forma geral, reestruturar as áreas ocupadas por fazendas, desenvolver essas áreas para formação dos núcleos populacionais e nesse ínterim enfrentar a fúria das elites locais que fossem contra essas mudanças, sobretudo da Família Mutran, dona da maior parte das áreas castanhais tomadas pelo exército para a construção do porto para o 52º BIS, e nesse ínterim fazer com que essa nova troca de comando fosse aceita pela população sem maiores revoltas ou confrontos, principalmente por meio de negociações com os sujeitos, oferecendo lotes mais baratos e em melhores lugares nas áreas urbanizadas, principalmente longe das áreas de enchentes, tendo como objetivo subliminar combater o apoio ao partido PCdoB e aos rebeldes da Guerrilha do Araguaia, que haviam rumores, escolheram as áreas de mata de Marabá como esconderijo e lugar de treinamentos para as tropas dos militantes (SOUZA, 2015, p.104).

Mesmo que as forças de segurança nacional fossem boas em estabelecer temor e precaução, especialmente no auge das ditaduras militares, as figuras de poder locais também eram forças a serem temidas, que por seus anos de comando sobre a cidade de Marabá, achavam-se inabaláveis e intocáveis, e não temiam à possível represália que sofressem pelo exército.

Assim sendo, em 1972 foi dado início os trabalhos de preparação e revitalização do espaço destinada à construção do novo espaço urbano Núcleo Nova Marabá, declarando a área sendo situado entre a rodovia PA-70 e os rios Tocantins e Itacaiúnas como de necessidade pública, advertindo às pessoas que ocuparam o local previamente a desocupá-lo com urgência, anunciando que seria utilizado todas as medidas necessárias para isso ocorrer, mesmo que fosse necessário o uso de força policial para que tal feito fosse executado.

Além dessas terras previamente adquiridas, em fevereiro do ano seguinte, a Câmara de Vereadores da cidade aprovou uma lei que estipulava a doação de mais de 1.000 hectares de terra à SUDAM para a construção do Núcleo, como nenhuma ação pública é feita sem

contrapartidas, foi passada à Secretaria também a responsabilidade de desapropriar, indenizar e desocupar a área, visto a possibilidade de algumas pessoas que se recusassem a sair dos locais voluntariamente e poderiam atrasar o andamento do projeto.

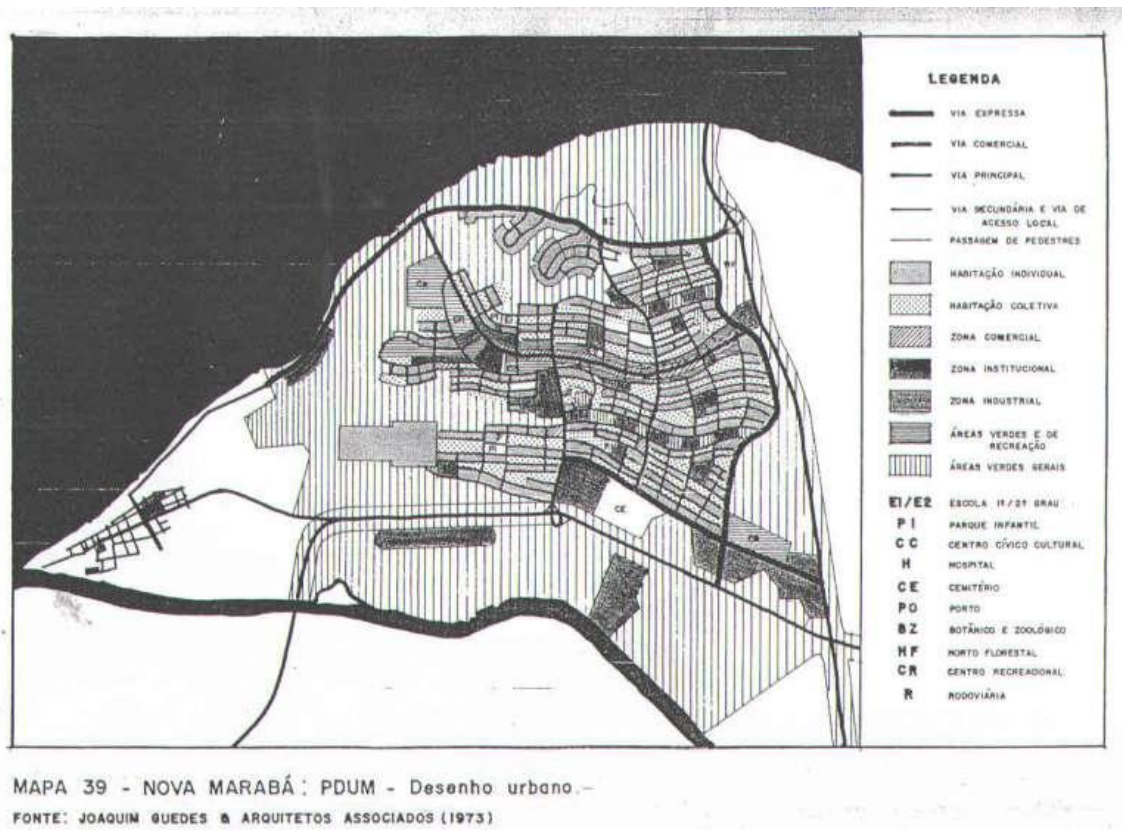


Figura 2. Organização do Núcleo Urbano Nova Marabá
Fonte: TOURINHO (1991) apud. SOUZA (2015)

Como exposto na Figura 2 acima, pretendia-se desenvolver um núcleo urbano organizado com áreas especificamente divididas para os setores de habitações, comércio, institucionais e industriais, além de áreas verdes gerais e de recreação, idealizando um equilíbrio entre o urbano e o ecológico demonstrado eficaz em outros municípios do estado, que abrigaria 50.000 habitantes, conforme a estimativa de crescimento urbano da cidade que até 1985 atingiria esse número, permitiriam aos residentes desse núcleo experimentar uma qualidade de vida superior aos outros núcleos, visto que até mesmo os serviços de saneamento básico e vias públicas asfaltadas estavam sendo visionados nesse projeto, que ao final acabou por ser dividido as áreas urbanas em “folhas” e demais áreas de ocupação urbana posteriores.

Um dos principais problemas que necessitava de uma solução imediata e eficaz eram as enchentes anuais, não havendo ainda uma forma de controlar período de cheia dos rios que

atingiam as casas dos habitantes, apesar de a constante tentativa do homem de controlar as forças da natureza, mesmo que ainda sem sucesso, mas sim os rastros de problemas deixados pelos rios após essas cheias que eram segundo o ponto de vista governamental e da empresa responsável pelo projeto, um dos principais fatores que impediam que houvesse um maior desenvolvimento urbano da cidade.

Logo, havia uma urgência em retirar as populações que viviam no núcleo que sofriam com esse problema anualmente, em especial os pescadores que tinham casas bem rentes às margens dos rios. Além desse motivo, havia um problema emergente que se mostrava cada vez maior, a quantidade crescente de imigrantes que chegavam à cidade, atraídas pelas propagandas sugestivas dos projetos de mineração que elaboravam uma alusão, as grandes possibilidades de empregos que esses projetos desenvolveriam. Onde o novo núcleo que também serviria como espaço de moradia dessas pessoas, para que não houvesse futuramente a formação de periferias e invasões de outras áreas da cidade, o que de fato veio acontecer muitos anos posteriores em consequência de outro ciclo econômico que causou um aumento da população.

Nesse meio tempo, enquanto vários arranjos políticos estavam em execução para a construção da Nova Marabá, em outra área da cidade estava em andamento também um processo de expansão urbana espontânea que veria a formar outro núcleo urbano na cidade que viria a ser nomeado de Cidade Nova, mais precisamente o bairro Amapá, que estava em expansão acelerada, e que assim como aconteceu no núcleo pioneiro, serviria como ponto inicial da formação desse núcleo. Essa expansão se devia principalmente pelo alcance da rodovia Transamazônica que desde 1971, um ano antes que fosse até mesmo iniciado as preparações para a revitalização da área destinada a Nova Marabá, começou a cortar por parte do terreno transformando-o em um ponto de parada dos migrantes, em especial aqueles vindos do Nordeste (ALMEIDA, 2008 apud SOUZA, 2015).

Por causa acessibilidade da prefeitura em ocupar os locais menos povoados da cidade no menor tempo possível e sem muitas despesas, vários lotes mais baratos são oferecidos para aqueles que desejam habitar esse local, fazendo com que não houvesse, maiores dificuldades quanto a questão de ocupação dessa área, o que contribuiu para que nos anos seguintes, de forma espontânea outros bairros, como o bairro Jarbas Passarinho e a Vila Transamazônica, esta última tendo este nome devido a sua proximidade com a rodovia com o mesmo nome.

Mesmo que as pessoas que moravam nesses bairros em formação tivessem a permissão e auxílio da prefeitura para habitar o local, não queria dizer que a longo prazo as necessidades básicas que facilitassem a permanência delas nesse núcleo estavam sendo atendidas. De

maneira oposta, como as demais áreas da cidade que até aquele momento não eram muito habitadas, se compararmos com o Núcleo Velha Marabá, que mesmo com alguns problemas sanitários, ainda era mais habitado do que os outros núcleos recém-criados, a Cidade Nova apresentava carência de infraestruturas básicas, como redes de água e esgoto, iluminação e ruas com asfalto.

Por causa desses e de outras adversidades que poderiam ser resolvidas se assim os poderes envolvidos decidissem, ao invés de adaptarem a Cidade Nova para desenvolver o novo núcleo, que tinha como uma das principais razões mostrar uma Marabá mais desenvolvida e apresentável, o Governo da época, que estava muito envolvido neste projeto, visto suas constantes interferências e sugestões sobre o desenvolvimento da Nova Marabá, acabou por optar por outro local, apesar de ciente do desenvolvimento urbano crescente no núcleo que apresentava muitas melhorias sanitárias.

Apesar dos esforços do Governo para que o novo núcleo fosse o mais próximo quanto as acomodações urbanas e o estilo ambiental tal qual idealizado, vários foram os motivos que levaram ao fracasso desse projeto, a começar pelo fato de que apesar de ser um projeto para a comunidade que vivia no núcleo pioneiro, as opiniões das pessoas não foram consideradas bem como sua relação de dependência com os rios e como apesar das cheias anuais causarem problemas, as pessoas estavam acostumadas com isso e tinham uma ligação sentimental muito forte com a vizinhança; acontecimentos no cenário político e econômicos não somente nacionais, como as transições de presidentes Médici para Geisel e seus novos métodos governamentais, que tinham uma política mais severa quanto a Guerrilha do Araguaia e o desligamento de muitas secretarias, uma delas a que cuidava do desenvolvimento do PDUM (SOUZA, 2015).

Quanto a transição das pessoas que moravam na Velha Marabá para o novo núcleo, alguns contratempos concretizaram essas mudanças mais dificultosas, visto que a previsão sobre o aumento estimado da população até 1980, não considerou a grande cheia de 1974 que atingiu 80% dos prédios e casas do núcleo, o que causou uma grande pressão por parte do governo na Secretaria responsável pelo projeto e conseqüentemente na empresa que o estava desenvolvendo. Isso posto após várias mudanças no sistema operacional do projeto, em 1976 mesmo não havendo nenhuma infraestrutura ou saneamento básico, vários lotes começaram a ser distribuídos, onde os próprios cidadãos ficaram responsáveis pela limpeza dos terrenos e construção das casas, completamente oposto ao que foi prometido inicialmente às famílias.

Além disso, um dos fatores decisivos que fez com que a maioria das pessoas não quisesse se mudar para Nova Marabá foi o fato de não existir os comércios, bancos e escolas no núcleo inicialmente, era muito trabalhoso para as pessoas que morava no novo núcleo se deslocarem diariamente para o núcleo pioneiro, pela falta de transportes públicos, muitas vezes andando ou de bicicleta o que era mais cansativo e causava mais transtorno para as pessoas, visto a distância das folhas até a Velha Marabá.

Em se tratando de um projeto que visava um ajuste urbano que servisse para acomodar a onda crescente de migrantes, podemos analisar que não foi pensado a longo prazo em como a população poderia crescer exponencialmente além do estimado, com novos grupos de migrantes advindos de outros ciclos econômicos que poderiam influenciar nesse crescimento onde em um cenário futuro pela falta de habitações o suficiente, e assim conseqüentemente poderiam levar a ocupações de terras particulares gerando assim aglomerações urbanas em algumas partes da cidade, um cenário bastante possível visto que mesmo naquela época já havia casos de invasões de lotes no novo núcleo, podendo ser considerado nesse sentido como um projeto urbanístico ao em vez de um plano de expansão urbana, como estava sendo propagado. (TOURINHO, 1991, p.353 apud SOUZA, 2015).

O fim dos programas governamentais na década de 1970 não somente alterou a distribuição dos movimentos migratórios na Amazônia, como também contribuiu profundamente nas configurações urbanas de muitos municípios do interior do Pará, em especial a cidade de Marabá, cenário do objeto de estudo analisado neste trabalho, que devido aos projetos de desenvolvimento de expansão urbana criou-se vários núcleos novos, de forma direta, como o núcleo Nova Marabá e de forma indireta no caso da Cidade Nova, além do núcleo já existente Velha Marabá. Na década que se iniciava veremos mais mudanças nos cenários urbanos da cidade, conseqüentes da nova leva de migrantes que passaram a se deslocar para as áreas de grandes projetos de mineração e para a extração do ouro em Serra Pelada.

No início dos anos 1980, podemos destacar como um dos grandes acontecimentos que trouxeram mudanças para a localidade, a descoberta do ouro de Serra Pelada, que mesmo que não tenha de fato ocorrido na cidade de Marabá, ficava em território marabaense, em localidade conhecida como “Trinta” (elevada em 1988 à município com o nome de Curionópolis), fez com que novos fluxos migratórios passaram a se deslocar para as áreas vizinhas a Serra, em especial Marabá que virou lugar provisório de moradia e entretenimento dos garimpeiros. Motivo que fez também com que a cidade, mais uma vez ganhasse notoriedade mesmo fora do Estado.

Desta forma, no da década de 80 e início dos anos 1990 há um crescimento da atividade industrial ligado à cadeia produtiva do ferro, como reflexo deixado pelo PGC. Em Marabá, a Companhia Siderúrgica do Pará (COSIPAR) foi a primeira indústria deste tipo a entrar em operação, em 1988.

Que acabou por influenciar de forma direta, um novo ciclo econômico na cidade e também um dos mais recentes ocorreu entre 2005 e 2008, quando houve um grande movimento de pessoas mudando-se ou investindo na localidade, por conta do anúncio da implantação de grandes projetos nesta região, como Projeto Salobo e Alpa, todos da mineradora Vale. Além das 11 siderúrgicas que estavam em pleno funcionamento no Distrito Industrial da cidade nesse período, com 21 altos-fornos produzindo ferro-gusa, e que requeriam uma grande massa trabalhadora para todos os cargos, fizeram com que ocorresse uma grande movimentação de pessoas para a cidade.

No entanto, mudanças inesperadas nos mercados internacionais, e mais intensivamente a crise econômica mundial de 2008, que afetaram muitos projetos e setores de produção, fizeram com que o resultado final não fosse o esperado pelos novos migrantes. O projeto Alpa acabou não sendo efetivado na região, e o Projeto Salobo instalado no território do município de Marabá, mas que tem como cidade mais próxima Parauapebas, por conta da proximidade com as minas de exploração, o que conseqüentemente acabou por favorecer a população do local. Nesse mesmo cenário por conta da crise econômica mundial de 2008, muitas siderúrgicas acabaram parando de funcionar, o que causou muitos desempregos e pessoas sem ter condições de moradia e sustento.

Ao fazer uma análise geral da evolução das populações durante esses ciclos podemos perceber que mesmo aqueles que não foram muito favoráveis de modo geral aos migrantes que se mobilizaram para a cidade, ainda geraram grande movimentação na cidade, se compararmos com os anos anteriores, onde o auge das mobilidades se deu nos anos iniciais de formação da cidade onde o índice da população passou para quase 30.000 habitantes, como podemos observar no gráfico 1 (abaixo), onde se apresenta um comparativo do crescimento populacional de 1960 a 2010.

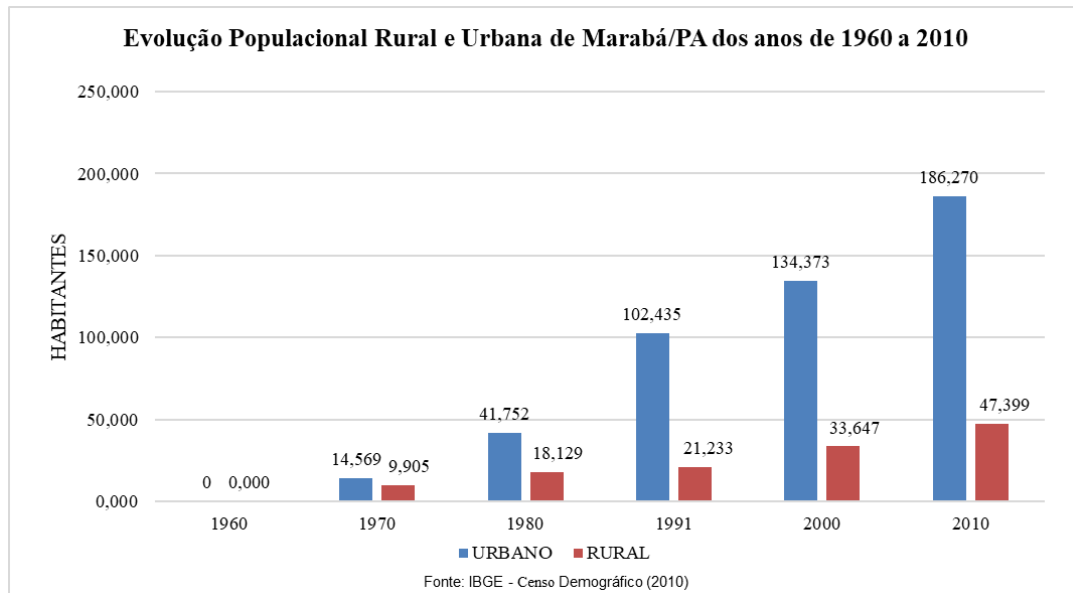


GRÁFICO 1: Evolução Populacional de Marabá
PRODUÇÃO: GOMES, M.L.S. (2022)

Podemos perceber, ao analisar o gráfico (acima), que dos anos 1960 a 1970 houve um aumento significativo dos índices das populações não somente na área urbana, bem como nas áreas rurais, o observável como resultado das primeiras avaliações sobre a área, em comparações inexatas com os anos anteriores que mostraram esse crescimento. Nos anos de 1970 – 80, podemos citar como um dos fatores que podem ter criado esse aumento populacional, a abertura das rodovias Belém-Brasília e Transamazônica; 1980 a 1991 demonstram um crescimento médio na área urbana condizente com as transformações espaciais que estavam acontecendo nesses tempos, com as áreas de garimpo e siderúrgicas sendo motivos mais do que prováveis para esse aumento.

Acrescido desses sujeitos temos ainda aqueles que mesmo antes que de fato os projetos estivessem instalados, vieram para o município em uma busca precipitada por trabalho e posteriormente acabaram por ficar definitivamente na cidade, o que resultou num inchaço populacional na cidade, que sem ter para onde escoar a população, foi obrigada a abrigar esses novos sujeitos, que por falta de moradia acabaram por ocupar vários terrenos da cidade, muitos até mesmo de proprietários particulares ou sem condições sanitárias básicas.

Podemos analisar desta forma que os muitos ciclos econômicos que aconteceram não só diretamente na cidade de Marabá, como também aqueles que devido a sua proximidade com o município e que indiretamente, tiveram importante influência nas transformações estruturais da cidade que cresceu de um pequeno bairro às margens dos rios Itacaiúnas e Tocantins, para uma cidade com três núcleos urbanos, Nova Marabá, Velha Marabá, e Cidade Nova. Podemos analisar essa evolução mais detalhadamente na figura 2 (abaixo) que mostrará a evolução das ocupações territoriais da cidade durante os anos.

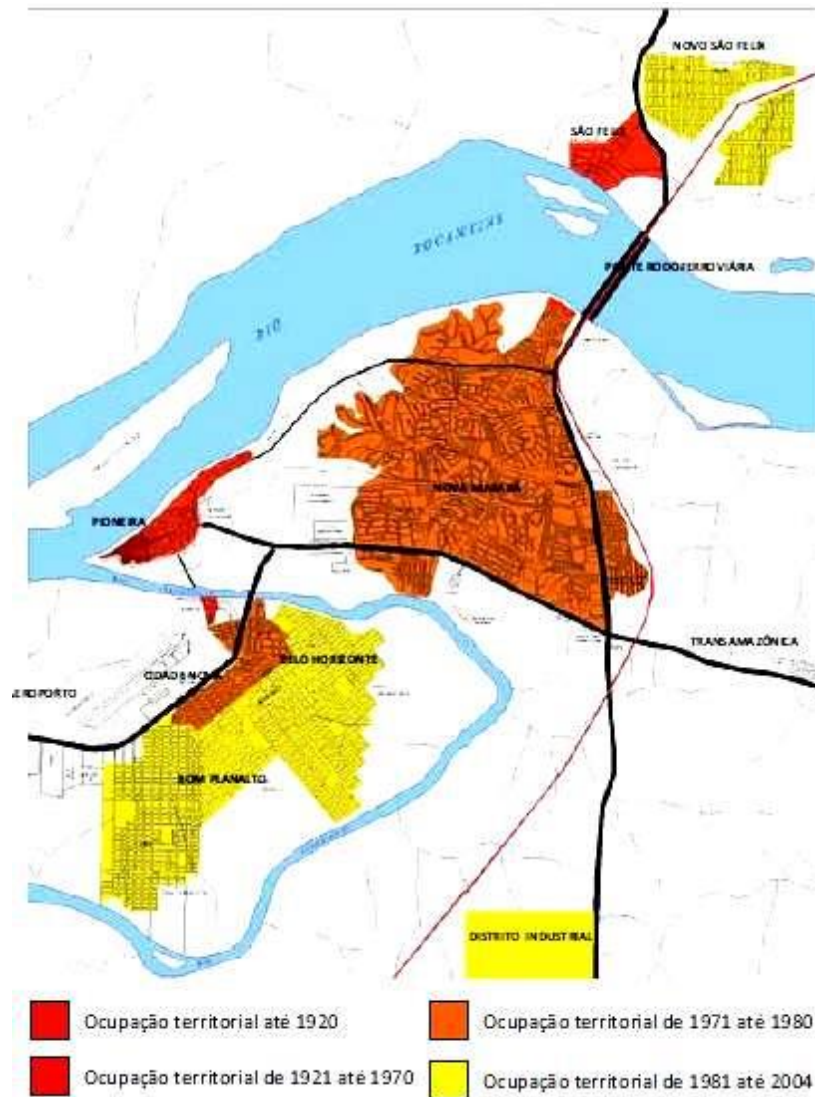


Figura 3 Marabá: Evolução da expansão urbana (1920-2004)
 Fonte: PNUMA (2010) apud SOUZA (2015)

Ao analisarmos a figura 3 (acima), podemos perceber como os diversos ciclos migratórios pelos quais a cidade passou influenciaram os modos de vida da população e o crescimento da cidade, visto que apesar de ter sido uma cidade planejada, não foi considerada em seus planejamentos as miríades de sujeitos que mudariam a cidade resultantes desses próprios ciclos, e que por necessidade de moradias ocupavam terrenos vazios em outras áreas menos ocupadas da cidade, como podemos observar na imagem acima ocupações territoriais no setor de Distrito Industrial e outro núcleo em formação ‘São Félix e Novo São Félix’.

Quanto a composição da população ao longo desses ciclos migratórios, apesar de não termos dados exatos sobre a composição da população nos ciclos iniciais, podemos pela análise de documentos ter uma estimativa de base sobre os migrantes. Quanto aos dados coletados sobre as migrações mais recentes, no que diz respeito aos anos 2000 a 2010, nos permitem uma

descrição mais clara sobre as regiões oriundas das populações, como demonstrado nos gráficos 2 e 3 (abaixo).

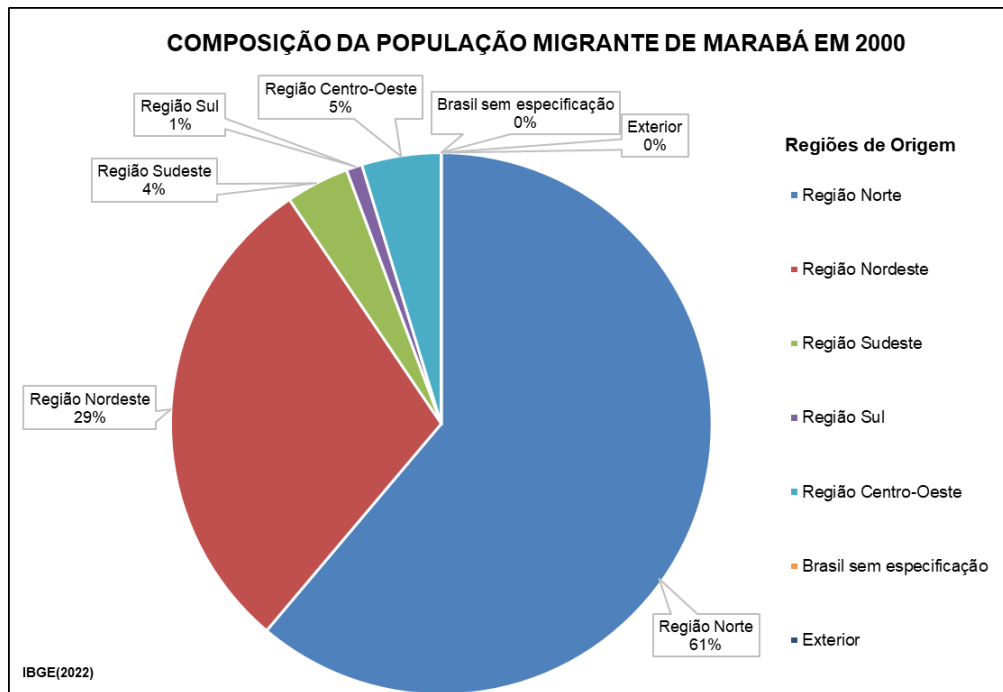


GRÁFICO 2: Demonstrativo de Composição Populacional Migrante em 2000
PRODUÇÃO: GOMES, M.L.S. (2022)

Como apresentado no gráfico 2 (acima) nos anos 2000, quanto aos números mais expressivos de migrantes, temos 61% da população de Marabá era formada por pessoas da região Norte, um resultado esperado visto que a cidade se encontra na região interiorana do Estado do Pará e que por muito tempo atraiu muitos indivíduos não somente de fora da região, bem como de dentro, muitas vezes de localidades menos prósperas do que Marabá, e que principalmente na época do garimpo era um destino bastante comum para esses indivíduos.

Sendo também formado em 29% por pessoas da região Nordeste, muitos sujeitos provenientes dessa região já realizavam mobilidade para a cidade nos anos anteriores, porém a partir dos anos 70 houve um aumento significativo de migrantes nordestinos para a cidade, em advento principalmente de várias propagandas governamentais que disseminavam projetos desenvolvimentistas como fontes de solução dos problemas econômicos dos migrantes.

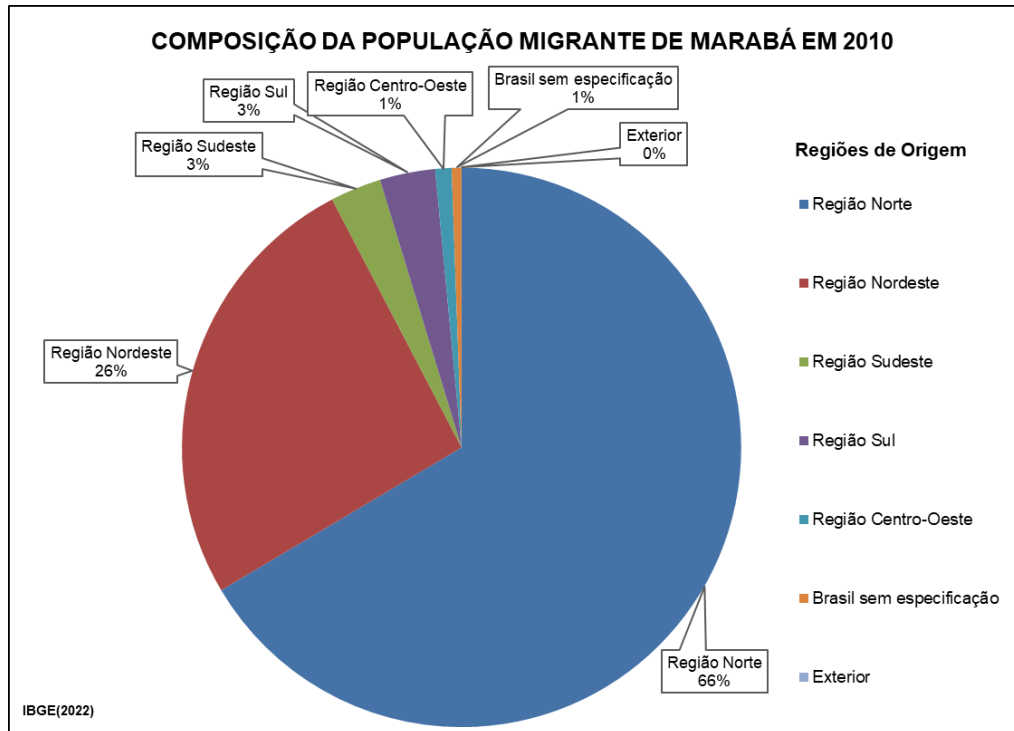


GRÁFICO 3: Demonstrativo de Composição Populacional Migrante em 2010
PRODUÇÃO: GOMES, M.L.S. (2022)

Como demonstrado no gráfico 3 acima, em 2010, podemos identificar que a quantidade de pessoas oriundas da região Norte, em comparação com 2000, aumentou 5%, quanto as pessoas oriundas da região Nordeste que migraram para a cidade, houve um decréscimo de 3% se comparado com os dados coletados em 2000.

Para além entendimento de como se dividam as populações migrantes e as transformações urbanas e sociais passadas por Marabá durante e após os ciclos econômicos que tiveram bastante influência na formação da cidade, antes de se fazer uma análise sobre os migrantes universitários, é preciso uma maior análise de como se desenvolveram as cidades médias ou intermediárias no meio nacional, bem como a muitas cidades médias estão se transformando em cidades universitárias e assim adquirindo uma nova função urbana para si e a localidade circunvizinha.

CAPÍTULO 3 - AS CIDADES MÉDIAS NO CONTEXTO SOCIOESPACIAL

Em se tratando de uma análise sobre as cidades consideradas médias ou intermediárias e as centralidades que elas exercem no meio regional do nosso país, é preciso analisar sua importância nesse meio, suas funções urbanas e socioeconômicas, bem como mantém uma boa relação com os demais municípios vizinhos que dependem diretamente mais do que indiretamente dos serviços oferecidos nessas cidades. De forma geral podemos caracterizar as cidades médias pelas suas funcionalidades socioespaciais, como descrito por Sposito (2007) “[...] podemos caracterizar as “cidades médias, afirmando que a classificação delas, pelo enfoque funcional, sempre esteve associada à definição de seus papéis regionais e ao potencial de comunicação e articulação proporcionado por suas situações geográficas (SPOSITO, 2007, p.48).”

Quanto à formação das cidades médias ou a evolução de muitos municípios para essa categoria, isso ocorreu devido ao fato do Governo Federal a partir de meados dos anos 60 e 70 precisar de uma solução para os problemas de aglomeração populacional nos grandes centros urbanos, nas regiões Sul e Sudeste principalmente, que por aparentarem ser mais desenvolvidas, bem como mais industrializadas, como de fato eram, visto que em muitas cidades nessas regiões haviam grandes indústrias metalúrgicas, bem como grandes fazendas agropecuárias que adversavam serem a solução para os problemas econômicos do país, eram vistas como fontes de empregos para muitas pessoas do campo ou de outras regiões que por falta de uma ajuda melhor do governo para melhorarem sua vida, acabavam por migrar para essas localidades onde tornavam em muitos casos uma mão-de-obra barata e facilmente explorável (CORREA, 2007).

Além disso, também foi uma saída mais viável para pôr em prática programas governamentais de interiorização do país, com o intuito de desenvolvimento urbano das localidades interioranas que segundo o governo careciam de pessoas capacitadas e incentivos públicos para se desenvolverem corretamente, municípios que se encontravam em situação favorável à implantação de projetos de expansão urbana, segundo as áreas de interesse do governo, devido a sua localização perto de áreas com potenciais exploráveis — que ao relacionarmos com nosso local de estudo, podemos analisar que Marabá no auge das explorações de minérios em Carajás, que por sua proximidade com o local foi indiretamente afetada pelos fluxos migratórios e de capital para a área — ou por serem propriamente um local com bastante atrativos econômicos eram sujeitas a esses projetos.

Desta forma podemos ressaltar como um dos principais projetos que serviram de base de planejamento para transformar as cidades, os Planos de Integração Nacional (PINs) que definiram, entre outras categorias, a progressão de alguns municípios centralizados a cidades médias que assim exerceriam novas funções no território. Essencialmente essas novas funções não são de todo negativas, e ao analisarmos isso segundo um contexto regional mais amplo, mostra-se muitas vezes necessário e um pouco tardio quando comparado ao desenvolvimento de outras localidades regionais.

Novas funcionalidades quando agregadas à uma cidade em desenvolvimento podem engendrar novas dinâmicas socioeconômicas na localidade, como descrito por Roberto Lobato Corrêa (2007),

[...] o desenvolvimento de novas funções urbanas, criadas por grupos locais ou regionais, ou por interesses extra regionais, suscita o aumento demográfico e a multiplicação de novas atividades não básicas ou das já existentes. [...] uma cidade, sob o impulso de novas funções passa de cidade pequenas para cidade média ou desta para o status de cidade grande (CORRÊA, 2007, p.24).

A partir de adoção dessas novas funcionalidades, e da diversidade de aspectos urbanos e socioeconômicos que cada localidade apresenta, há uma certa dificuldade em conceituar propriamente fatores primordiais que distinguem cidades médias de demais cidades em crescimento, podendo desta forma serem caracterizadas de modo geral segundo Corrêa (2007) como sendo, “[...] as cidades médias, um tipo de cidade caracterizado por uma particular combinação de tamanho geográfico, funções urbanas e organização de seu espaço intra-urbano (CORRÊA, 2007, p.25)”. Levando-nos a entender que muitas vezes ao escolhermos apenas um destes para termos como referência, dependendo do local de estudo, outros aspectos obtidos da localidade para comparação podem atestar não se encaixarem em tais fatores.

Uma das conceituações mais antigas e que já não é mais propriamente aceita por muitos geógrafos, retoma a teoria das localidades centrais elaborada por Christaller (1966), que define a presença de uma hierarquia entre as cidades, caracterizado principalmente pela capacidade das cidades de arrecadação de dinheiro público e as circulações mercantis estabelecidas no território. Conforme a teoria de Christaller, as cidades médias podem desta forma serem definidas segundo, os estabelecimentos comerciais, industriais ou de prestação de serviços públicos, ou privado, muitas vezes não atendem somente o público das cidades em si, como também alcança as outras cidades circunvizinhas que dependem exclusivamente de muitos desses serviços prestados nas cidades médias.

Enquanto essa teoria ainda pode ser válida para o estudo de algumas localidades e suas relações com o território, não podem ser aplicadas de modo geral nos estudos das cidades, principalmente nas cidades médias, visto que segundo Santos (1993), [...] hoje, cada cidade é diferente da outra, não importa seu tamanho [...] (SANTOS, 1993, p.53 apud CASARIL 2019, p. 295). Devido à essas novas particularidades provenientes das crescentes mudanças na organização da rede urbana, há a necessidade da integração de muitas cidades em núcleos mais desenvolvidos ou até mesmo estabelecer funcionalidades próprias para que sejam inseridas numa posição mais elevada nas divisões territoriais do trabalho existentes no território.

Há ainda alguns autores que preferem definir essas localidades pelos elementos tradicionais que marcam o estilo de vida das pessoas da cidade que a distinguem dos demais municípios que os cercam, como o fato de apesar de estarem cercadas de outras pequenas ou grandes localidades ainda sobressaem, seja as suas ofertas de serviços públicos, que não se igualam aos dos grandes centros urbanos, mas que são melhores quando comparados às pequenas cidades, mas que atendem às necessidades das populações, quanto ao fato de pôr serem localidades ainda em crescimento apresentam ainda bastantes aspectos interioranos que fornecem aos seus habitantes uma vida mais tranquila, sem as pressões e perigos existentes nas grandes capitais, o acaba por atrair muitas pessoas seja para apenas viajar como também morar nessas cidades.

Segundo Motta e Mata (2009), quanto às características que definem as cidades médias como principais destinos a serem escolhido,

a importância das cidades médias reside no fato de que elas possuem uma dinâmica econômica e demográfica própria, permitindo atender às expectativas de empreendedores e cidadãos, manifestadas na qualidade de equipamentos urbanos e na prestação de serviços públicos, evitando as deseconomias das grandes cidades e metrópoles.

Logo, enquanto atende as demandas de outros municípios, precisa manter o padrão de boa qualidade de vida para a população local, que além de buscar uma boa experiência de convívio na sociedade local, bons lugares de entretenimento, saúde, trabalho, educação e segurança, também expressam suas observações para outros, gerando um ciclo de informações que ao serem difundidas ajudam a expressar uma boa narrativa sobre a cidade e assim atrair mais sujeitos, não somente de forma temporária como também para vivência.

À vista disso, com o passar dos anos muitas são as transformações do espaço que servem como atrativos, modernizações de espaço e dos serviços servem como novos impulsionadores para as movimentações de pessoas que buscam nas cidades médias, muitas vezes, uma qualidade de vida diferentes das quais estão previamente acostumados.

[...] desde as últimas décadas do século XX, em algumas regiões do país, as cidades médias passaram por substanciais transformações em face da implantação de novos serviços, sobretudo os logísticos, de informação, de comunicação, de transportes, de educação e de turismo. Assim sendo, apareceram como alternativa de moradia por oferecerem melhores condições e qualidade de vida em relação às áreas metropolitanas (SPOSITO, 2007, p.52).

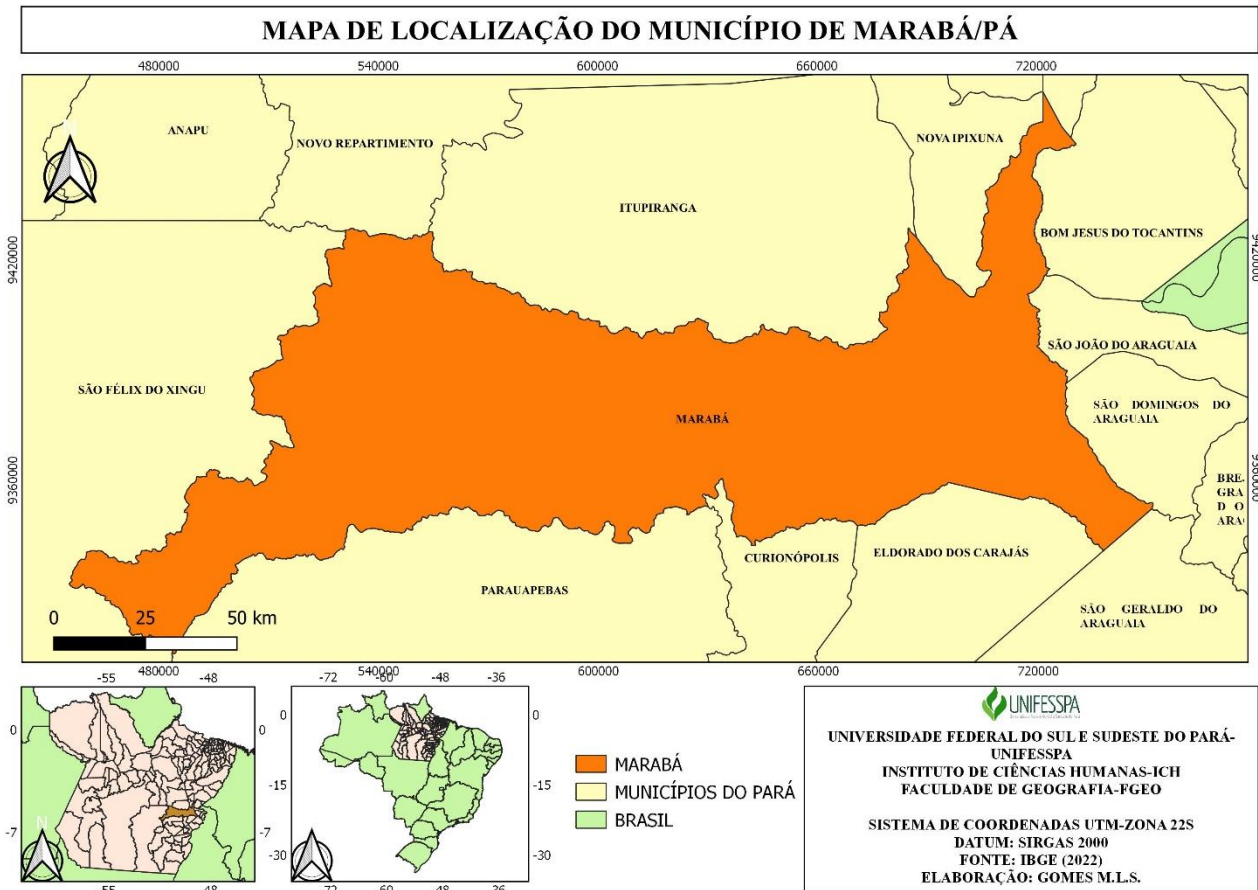
Deste modo, a presença de fatores que multipliquem a funcionalidade dessas cidades faz que com o tempo mais e mais pessoas as considerem como destino de moradia, muitas vezes não somente por questões trabalhistas, como também por questões educacionais e de qualidade de vida, visto que muitas dessas novas funções socioespaciais que agregam mais atenção para as localidades e assim geram um novo fluxo de pessoas.

Para além do conceito de cidade médias apresentado de forma geral é preciso entender a importância de Marabá como um município em crescimento que depois de várias transformações socioespaciais e econômicas mostra bastante importância no cenário espacial e econômico atual.

3.1 Marabá como cidade média no sudeste paraense

Ao relacionarmos a noção de cidades médias, em específico o entendimento quanto a conceituação das cidades pelas suas funcionalidades e suas relações com demais localidades circunvizinhas, podemos analisar que Marabá dispõe de algumas características importantes que revelam sua importância no cenário econômico do sudeste do Pará.

Quanto a sua posição territorial, como podemos observar no mapa 1 (abaixo), a cidade faz fronteira com outros três municípios paraenses, que antigamente pertenciam ao território marabaense, e que apesar de estarem separados de Marabá ainda dependem de muitos serviços oferecidos na cidade. Além das rodovias BR230 e BR222/PA150 e suas vicinais paralelas que percorrem por entre as vilas rurais ao redor do perímetro urbano, que também servem de ligações entre as vilas rurais e o centro urbano; além disso um dos pontos de acesso para migrantes, principalmente aqueles vindos do Nordeste, seria as linhas ferroviárias, em específico a Estrada de Ferro Carajás, que liga as cidades do Pará aos do Maranhão.



No município se concentra um amplo comércio de produtos variados (atacado e varejo) principalmente artigos agropecuários e relacionados a agricultura em geral, empresas que vendem grandes maquinários rurais, além de oferecer outros serviços voltados para essa área, como bancos que auxiliam os pequenos produtores, bem como clínicas veterinárias que prestam serviços para as fazendas.

Isso se dá principalmente pelo município ser cercado por muitas áreas de fazenda de gado de corte, leiteiros e para consumo local, que atendem não somente as pessoas da cidade como também para exportação, plantações de soja, chácaras e hortas de pequenos e médios produtores que moram muitas vezes nas áreas urbanas da cidade e periodicamente viajam às suas hortas para colher cultivos que serão vendidos em feiras e mercados e Marabá.

Podemos ressaltar que um dos maiores aspectos urbanos e sociais de Marabá é sua ligação com o comércio de produtos, motivado principalmente devido às suas raízes castanheiras, onde muitas áreas da cidade eram de fazendeiros e comerciários, que com o tempo evoluíram com os ciclos econômicos, mudaram de forma, mas não perderam sua hegemonia comercial sob a cidade, mas sim expandiram seu foque de atendimento para além da cidade, despachando produtos para

vilas e pequenas cidades próximas da cidade, isso acontece segundo Sposito (2007) “Assim, muitas vezes os negócios são realizados, [...] com base em formas de produção capitalista, a partir da ampliação de suas terras e de seus negócios nessas áreas de expansão (SPOSITO, 2007, p.47).”

Desta forma muito além de depender do comércio de Marabá, muitos municípios circunvizinhos dependem diretamente dos serviços oferecidos na cidade, desde casos de saúde, desde tratamento de doenças onde a maioria dos casos seja dos mais simples como consultas de rotina como para casos mais graves, vítimas de acidentes, que por falta de uma unidade de atendimento apropriada acabam sendo redirecionados para a localidade; até paras as questões mais básicas de alimentação e vestuários, muitas pessoas acabam por recorrer às cidades mais próximas, nesse caso a cidade de Marabá, posto que em suas localidades esses serviços não são oferecidos em quantidades suficientes que atenda a população ou em muitos casos nem mesmo são oferecidos de todo.

O mesmo pode ser dito sobre para questões de emprego e educação, em especial em se tratando de questões de educação superior ou até mesmo ensino médio, que não é oferecido em muitas vilas ou municípios menores, que acaba levando muitas famílias que buscam um ensino melhor para seus filhos, por falta de escolhas dentro das suas localidades acabam por mudar-se para outras vilas, municípios ou cidades médias que ofereçam não só esses serviços, bem como possam disponibilizar um leque maior de vagas de emprego que ajude na manutenção dessas famílias até que os filhos terminem suas formações educacionais.

Deste modo, devido as constantes evoluções e transformações que o município de Marabá passou ao longo dos ciclos econômicos, visando não somente uma melhoria de vida para seus habitantes, como também pensando no desenvolvimento de diversos atrativos econômicos, sociais, educacionais ou empregatícios que servissem para que os migrantes voltassem seus olhos para o que seria mais significante para que eles se mobilizassem para o município. Tornando-a desta forma uma cidade média que apresenta muitas funções socioespaciais benéficas não somente para si, bem como para sua circunvizinhança que depende dela.

3.2 A evolução das cidades médias para cidades universitárias

Quanto à necessidade de aderir novas funcionalidades à Marabá como cidade média em desenvolvimento, por alguns anos muitos dos serviços oferecidos tinham como foco atrair migrantes em busca de emprego e de forma secundária chamar atenção para os atributos de entretenimento oferecidos na cidade. Embora no Brasil essa evolução das funcionalidades das cidades médias tenha chegado um pouco tardia, precisamente a partir de 2013, quando foi implantado pelo governo federal o Plano de Interiorização do Ensino Superior (PIES), em muitos outros países essa função já existe há muitas décadas, na Europa e nos Estados Unidos desde os anos 1960 muitas cidades médias têm a função de cidades universitárias, posto que essas instituições agregam muito mais do que somente funções sociais bem como contribuem para o desenvolvimento econômico e regional das localidades, uma vez que atraem não somente novos indivíduos como também novos empreendimentos que possam ter interesse em investir na região.

Nesse sentido uma forma de impulsionar o progresso de forma acelerada nas cidades médias se deu com a implantação de polos universitários em muitas localidades que ofereciam características propícias, segundo Baumgartner (2015),

A implantação de uma universidade ou campus de uma universidade pública afeta as dinâmicas urbanas e regionais de cidades médias e pequenas, dentro de uma estratégia governamental de promoção do desenvolvimento que, para além do impacto econômico direto através da geração de empregos públicos de alta qualificação e gastos básicos de alunos e professores, promove a melhoria dos padrões educacionais, qualificação da força de trabalho, avanço e desenvolvimento tecnológico e cultural. (BAUMGARTNER, 2015, p.75)

Em virtude disso, para facilitar a ingresso de indivíduos nas universidades em 2014, muitos projetos que visavam o aprimoramento dos processos seletivos e programas universitários que facilitavam o acesso às Universidades foram melhorados e implantados como o uso do Enem¹ e o Prosel² como exames de avaliação das universidades federais e estaduais, e programas como Prouni³, Pronatec⁴, bem como muitas faculdades de Ensino à Distância (EAD) foram admitidas como oficiais pelo Ministério da Educação, o que tornou o ensino superior possível para aqueles que por falta de disponibilidade de tempo. Desta maneira a demais a integração de Instituições de Ensino Superior (IES) nas regiões mais afastadas das

¹Exame Nacional do Ensino Médio, tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores.

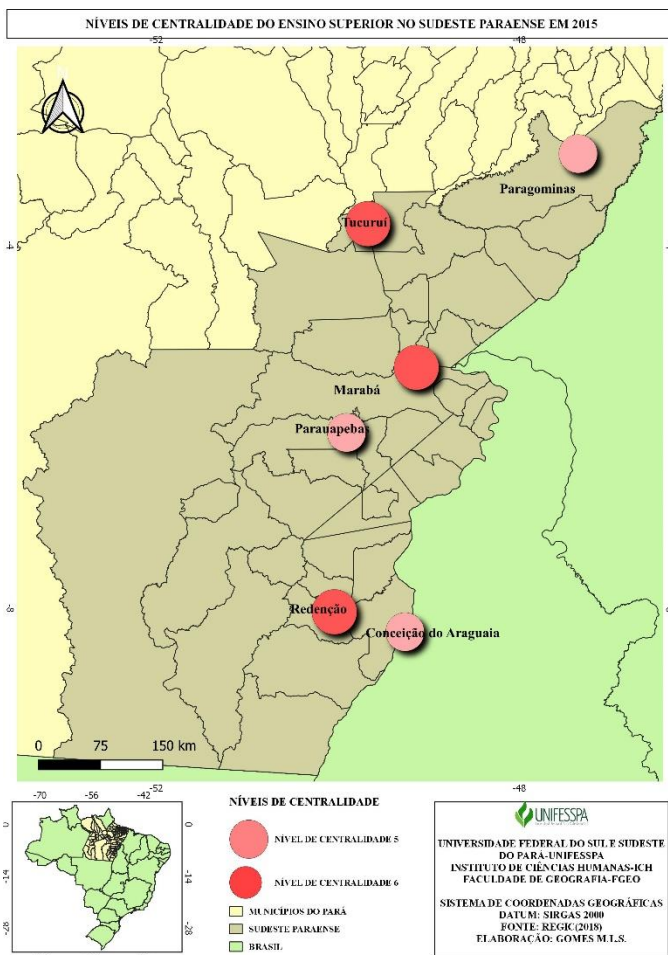
² Vestibular tradicional da UEPA é mais conhecido como Processo Seletivo, somente podem participar candidatos que estão inscritos no Enem do ano vigente, uma vez que, como já foi mencionado, eles são avaliados exclusivamente por essas notas.

³ Programa Universidade Para Todos, um programa criado em 2004 e mantido pelo Governo Federal para facilitar a entrada de estudantes de baixa renda no ensino superior.

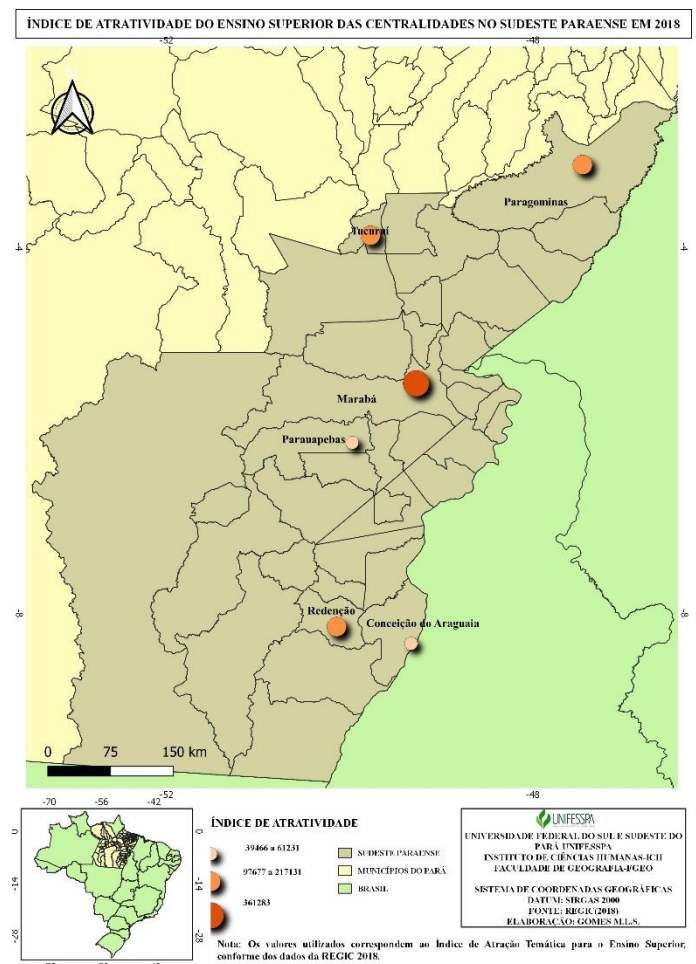
⁴ Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego, criado pelo Governo Federal em 2011, por meio da Lei nº 12.513, com a finalidade de ampliar a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira. (Fonte: Portal do Ministério de Educação, acesso: 18/10/2022)

grandes capitais e que com o tempo tornaram-se instituições de respeito por seus trabalhos perante a sociedade das localidades onde foram implantadas.

À vista disso ao analisarmos a influência que as Instituições de Ensino Superior instaladas na cidade causam em nível territorial, segundo o relatório do Projeto “Competitividade e Governança das Cidades Médias do Brasil: Sistema Urbano, Centralidade e Competitividade das Cidades Médias”, confeccionado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no qual analisa e classifica as cidades pelo seu nível de influência nas regiões, percebemos que devido a essas instituições o nível de atratividade e centralidade exercidas por Marabá aumentou consideravelmente em relação à outros municípios do sudeste paraense. Conforme os mapas 2 e 3 (abaixo), onde podemos examinar a diferença desses níveis em 2015 e 2018.



MAPA 2: Mapa dos níveis de centralidade do ensino superior no Sudeste Paraense em 2015; **PRODUÇÃO:** GOMES, M.L.S. (2022)



MAPA 3: Mapa do índice de atratividade do ensino superior das centralidades no Sudeste Paraense em 2018; **PRODUÇÃO:** GOMES, M.L.S. (2022)

Conforme os mapas (acima), podemos analisar que Marabá é uma cidade média que se destaca na hierarquia urbana do Norte sobretudo pelos serviços entre eles, a educação superior, de 2015 pra 2018 podemos perceber que houve alterações no quadro dessas centralidades, onde em 2015 Marabá ainda apresentava o mesmo nível das demais cidades da região e em 2018

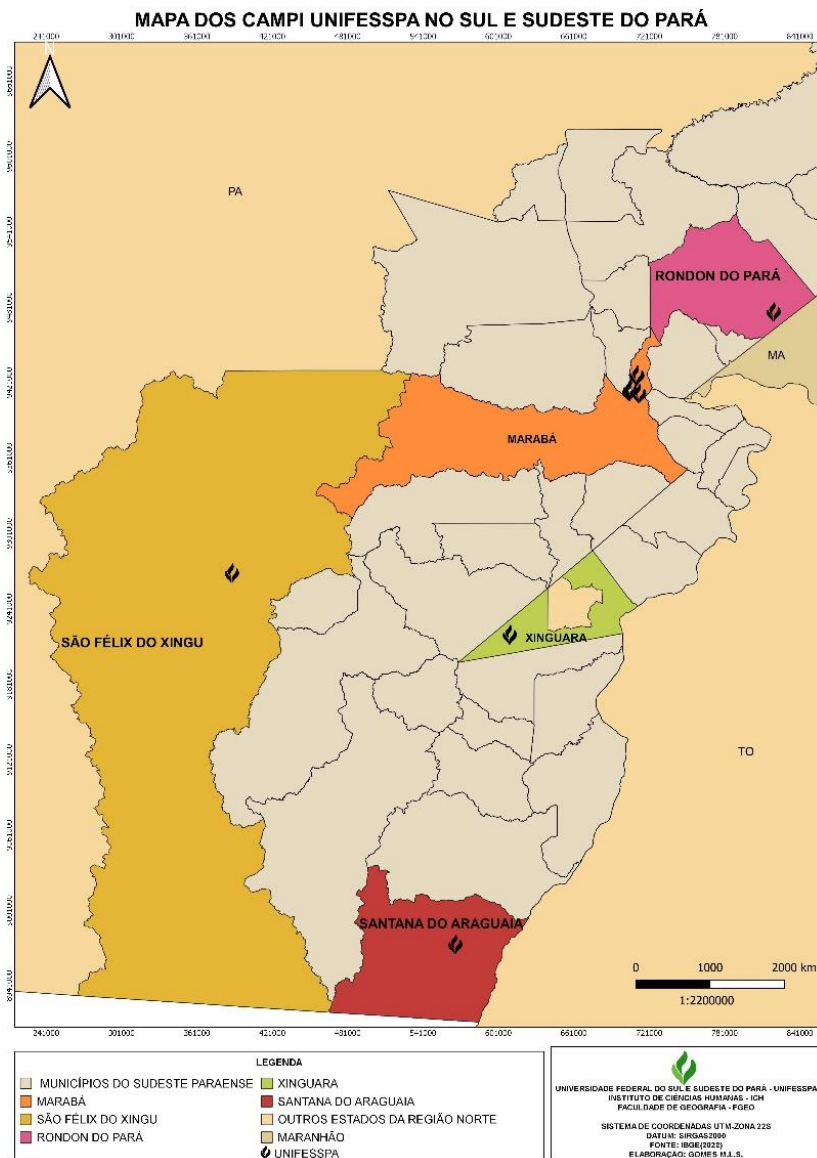
esse nível aumenta, passando a ser a cidade da região do sudeste paraense com maior nível de centralidade no que diz respeito ao ensino superior, o que coincide com o aumento de Instituições de Ensino Superior na cidade, como a Unifesspa que durante esse período estava passando por um aumento no quadro de cursos de graduação, além da universidade estadual (UEPA) que também apresenta muitos cursos de graduação, bem como instituições privadas, que ofertam cursos presenciais ou EaD (Educação à Distância).

Assim, uma das transformações ocorridas no sistema acadêmico, e objeto de estudo analisado neste trabalho, no interior do sul e sudeste do Pará, e que teve um grande efeito na região, especialmente em Marabá, onde dispõe de três campi, Universidade Federal do Sul e sudeste do Para (Unifesspa), criada em 2013, após ser desmembrada da Universidade Federal do Pará (UFPA) que por muitos anos foi uma das únicas instituições federais de ensino superior no meio regional.

Ao longo dos anos a universidade mostra grandes aprimoramentos, além de dispor de um grande número de cursos ofertados, bem como novos campi fora de sede localizados em outros municípios na mesma região, além de parcerias com prefeituras de municípios e vilarejos, para melhor repassar cursos de graduação para as pessoas que não possam se mobilizar de suas localidades de forma temporária ou permanente, programas de pesquisas e iniciação científica, além de programas de pós-graduação, que desenvolvem estudos sobre alguns elementos importantes da região.

Desta forma podemos ressaltar a importância da instalação das universidades, para além de sua localização nas cidades, tem um papel no desenvolvimento das sociedades dos municípios de entorno e localidades rurais que apresentam muitas pessoas que necessitam de uma graduação. É possível observar desta maneira que para além das mudanças urbanas e sociais onde os polos universitários estão localizados é possível observar também transformações socioespaciais similares nas municipalidades vizinhas, demonstrando indiretamente a abrangência dessas instituições na região (BANDEIRA,1999 apud BAUMGARTNER, 2015, p.293).

Em relação à localização dos campi pela mesorregião do sudeste paraense, representado no mapa 4 (abaixo), podemos perceber que estes estão instalados em áreas de grande movimentação não somente de pessoas como de produtos, onde cada campi apresenta cursos não somente voltados para os públicos dos municípios onde estão localizados, bem como outras graduações que possam atender as populações circunvizinhas e assim criar fluxos de pessoas de outros lugares.



MAPA 4: Mapa dos campi Unifesspa no Sul e Sudeste do Pará
PRODUÇÃO: GOMES, M.L.S. (2022)

Quanto ao número de cursos, conforme o gráfico 3, abaixo, que mostra a série histórica de cursos ofertados pela Unifesspa de 2013 a 2019, vemos que, em 2013 a Unifesspa contava com apenas 16 cursos de graduação. Porém, no mesmo ano, com os novos financiamentos destinados à universidade foram implantados 18 novos cursos de graduação, ampliando a oferta.

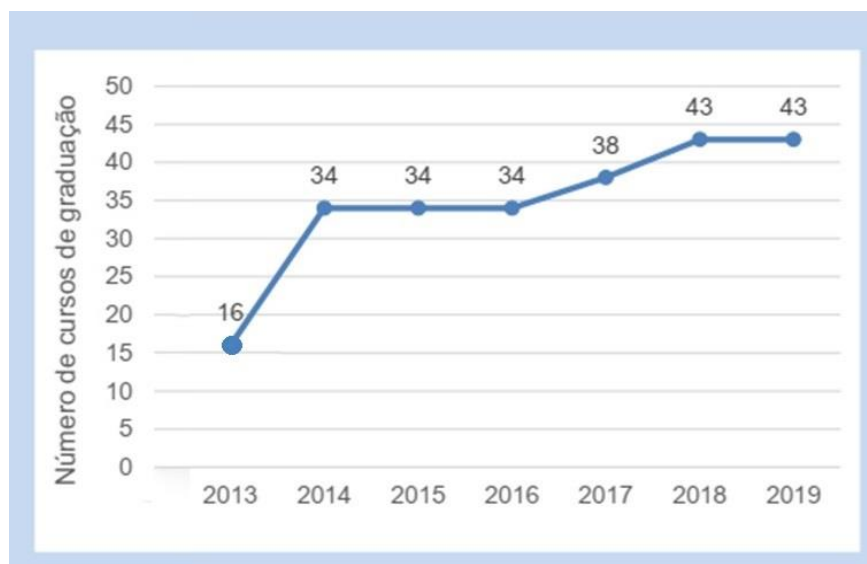


Gráfico 4. Série Histórica de cursos ofertados pela Unifesspa de 2013 a 2019
Fonte: Proeg-UNIFESSPA; Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2019

Conforme o gráfico 4 acima, em 2014, o número passou de 16 para 34 cursos. Entre os anos de 2015 e 2017 percebemos uma estagnação quanto a oferta de cursos, situação causada por fatores econômicos externos que acabaram por afetar indiretamente as universidades na totalidade, além de crises econômicas enfrentadas pelo país, mudanças de governo e greve de professores, que acabou por causar uma certa instabilidade quanto ao orçamento destinando às universidades, efeito esse que estancou também a criação de cursos na Unifesspa, passando por um período de estabilidade econômica apenas em 2018, quando houve a implementação de 6 novos cursos em campi fora de sede, fazendo com que a oferta total de cursos passasse para 43, sendo esta a última grande mudança no quadro de cursos.

Ao esmiuçarmos ainda mais o número total de cursos, percebemos que para além dos cursos de graduação distribuídos dentre os campi de Marabá, que somados apresentam um quadro de 28 cursos regulares, os outros campi fora de sede que apesar de apresentarem um número pequeno de cursos, como 3 cursos em Santana do Araguaia, 3 em São Félix do Xingu, 4 em Rondon e 5 em Xingura, além de onze polos avançados de com cursos intervalares, especial ou em regime de parceria em Abel Figueiredo, Bom Jesus do Tocantins, Breu Branco, Canaã dos Carajás, Itupiranga, Jacundá, Moju, Ourilândia do Norte, Piçarra, Tailândia e São Geraldo do Araguaia, contribuem de modo significativo para o desenvolvimento do ensino superior de suas localidades.

Para além de alguns entraves econômicos enfrentados desde sua criação, a Unifesspa exerce um papel muito importante na formação não somente de jovens, bem como de um público mais amplo da região sudeste do Pará que por muitos anos necessitava recorrer a faculdades particulares da região, ou até mesmo mobilizar para outras regiões e capitais longínquas a fim de receberem uma formação superior.

À vista disso, podemos analisar que nos últimos anos dentre os demais campos econômicos em crescimento destacam-se os âmbitos educacionais que vem servindo como fator atrativo para regiões em desenvolvimento, no contexto estudado sobre as cidades médias, destaca-se a relevância das Instituições de Ensino Superior (IES) nos interiores das regiões, em específico nas cidades pequenas ou intermediárias situadas nessas localidades, segundo Claval (1998) expansão das universidades para as cidades menores é muito incentivada pelas mesmas, em uma acirrada competição, uma vez as universidades fomentam a vinda de serviços e comércios para o centro urbano, em função de um perfil populacional de maior renda, bem como de atividades vinculadas a alta tecnologia, incentivando a constituição de polos tecnológicos (CLAVAL, 1998, apud BAUMGARTNER, p 77, 2015)

Onde podemos analisar que a presença de campi universitários em certos locais exerce um papel preponderante como estímulo para uma progressão da sociedade em vários níveis, econômicos, quanto a sua capacidade de atrair investimentos governamentais e privados que dinamizam a economia local, profissionais e sociais das cidades, uma vez que “campi universitários são grandes criadores de centralidade, uma vez que geram e articulam importantes fluxos de mobilidade, [...] e geram efeitos multiplicadores na localização de diversas atividades econômicas.” (DANTAS; CLEMENTINO, 2010, p.230).

Em virtude disso, as instalações de campi universitários nas cidades médias trazem muitas mudanças positivas para o meio onde será estabelecida, é possível perceber que para além das mudanças na sociedade há também mudanças físicas no espaço urbano, onde desde o setor imobiliário, casas, apartamentos, pequenas repúblicas começam a aparecer nos entornos com preços vários, o comércio começa a se desenvolver voltado para o público mais jovem tanto para consumo como mais vagas de emprego, lanchonetes, empresas de *fast food* e restaurantes populares surgem nessas áreas, que acarretam geral não só uma facilidade na manutenção dos universitários, bem como toda população de uma cidade, fazendo com que haja deste modo uma maior circulação de pessoas nesses espaços.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS MIGRANTES UNIVERSITÁRIOS DA UNIFESSPA EM MARABÁ

Para além de analisar os aspectos socioespaciais urbanos ocasionados pelos migrantes universitários é preciso entender o perfil que compõe este grupo migratório, em especial aqueles que se mobilizaram para a cidade de Marabá com o intuito de cursar um curso superior na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa.

Como forma de analisar o perfil dos estudantes migrantes, foi elaborado um questionário de caráter quantitativo e qualitativo, baseado em questões objetivas e abertas para que se pudesse obter respostas livres com relação aos motivos da migração por esse estudante. O objetivo que se buscava alcançar com a coleta de dados sobre os migrantes de era fazer uma reflexão a partir da revisão teórico da migração e, simultaneamente, contextualizar os resultados obtidos com o questionário conduzido para os migrantes universitários, observando principalmente os principais motivos que ocasionam esse tipo de movimento, conforme a representação dos resultados em forma de gráficos e tabelas.

4.1 Análise dos resultados

No intervalo de tempo entre agosto de 2020 e dezembro de 2021 foram aplicados 126 questionários e conhecimento com discentes de diversos cursos da Unifesspa. O questionário foi composto por 13 questões para os migrantes. Com o interesse de indicar o perfil do estudante migrante, as perguntas tinham como foco cidade de origem, tipo de área de origem, idade, se possui bolsas da universidade, se realizou mobilidade para outras cidades antes de migrar para Marabá, qual tipo de curso (regular ou intervalar), há quantos anos mora na cidade, situação de moradia, tipo de moradia, tipo de serviço educacional disponível na cidade de origem, além dos motivos para migrar para estudar na Unifesspa.

Devido à pandemia de Covid-19, durante a sua fase mais aguada, como medida de segurança a universidade ficou temporariamente fechada, a fim de evitar mais contaminações da doença e preservar a saúde dos alunos e servidores, impossibilitando desta forma a aplicação presencial do questionário de conhecimento destinado aos migrantes. Entretanto, mesmo que aplicado remotamente, com questionário online no formato ‘Google Forms’ (Anexo 1) apresentou resultados satisfatórios suficientes para fosse feita uma análise do perfil dos discentes migrantes da Unifesspa.

À vista disso destacamos que a escolha das questões se deu sem o intuito de se tornar uma amostragem estatística, visto que a quantidade de discentes que responderam ao questionário não representa uma totalidade de alunos da universidade, mas que mesmo assim, de forma geral podemos considerar os resultados que serão apresentados como base de referência para pesquisas futuras sobre a mobilidade universitária.

Diante disso, um dos primeiros dados observados durante a análise dos dados coletados se deve a faixa etária dos discentes, de diversos sexos, que compõem o corpo de alunos da Unifesspa, é possível observar no gráfico 5 (abaixo) que além dos alunos entre idades de 20 a 25, encontramos também discentes de idade mais elevada, como pessoas acima de 40 anos que estão cursando graduações na universidade, o que baseia o entendimento de que devido ao mercado de trabalho muitas vezes exigir que as pessoas tenham curso superior, muitas pessoas estão ingressando na universidade para conseguir uma formação superior.

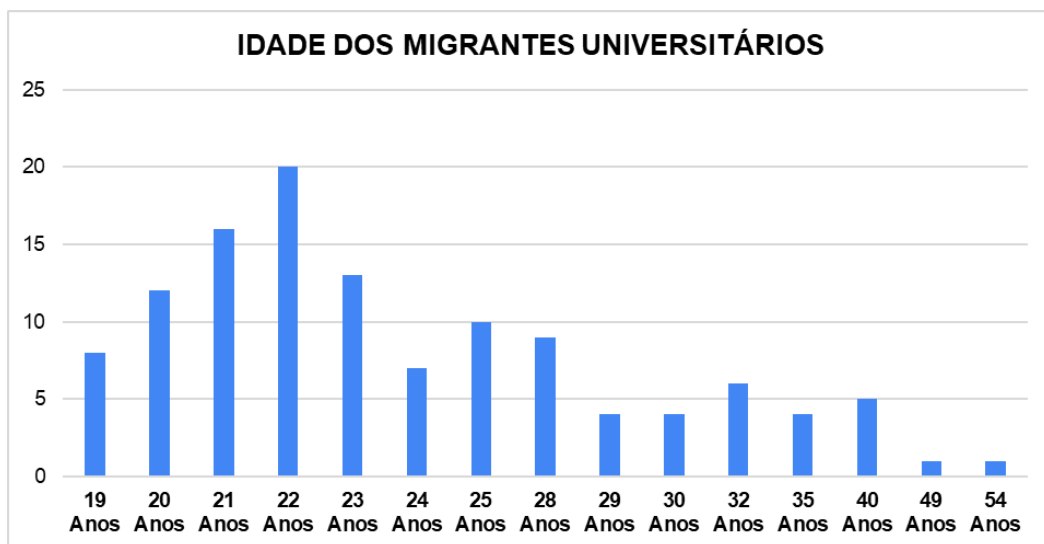


GRÁFICO 5: Demonstrativo de Idade dos Migrantes Universitários
PRODUÇÃO: GOMES, M.L.S. (2022)

Quanto a situação financeira dos migrantes, devido ao fato da maioria das respostas serem de jovens migrantes, muitos responderam que recebem ajuda familiar, muitas vezes de seus parentes que moram em outra localidade, que mandam quantias em dinheiro para os discentes e manterem na cidade, e concentrarem-se nos estudos. Além desses, muitos outros migrantes responderam que recebem algum tipo de bolsa auxílio ofertado pela Unifesspa, como pode ser observado no gráfico 6 (abaixo).

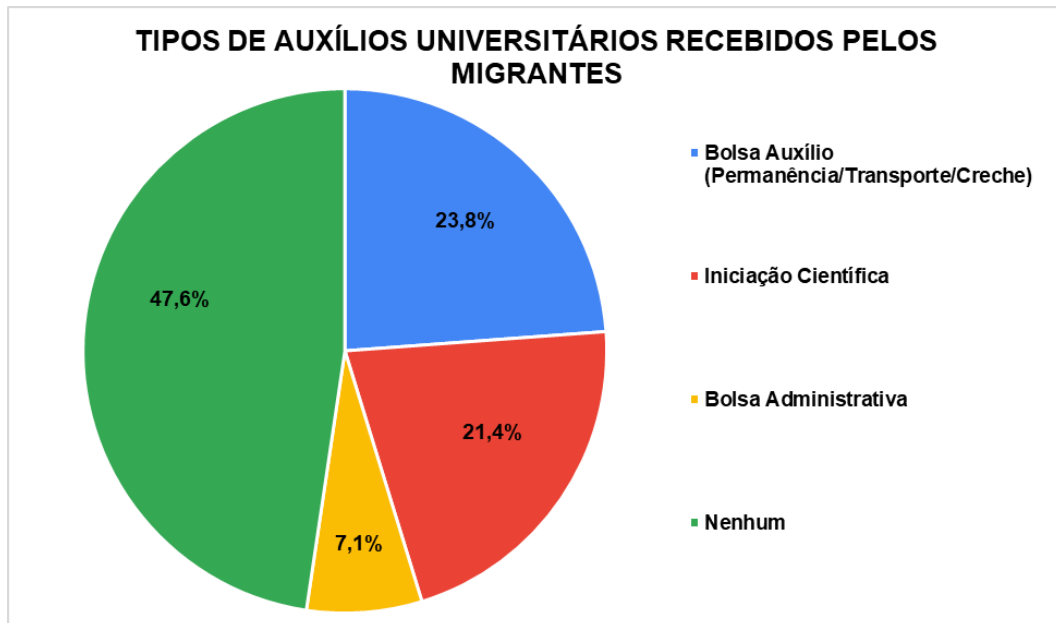


GRÁFICO 6: Demonstrativo de Idade dos Migrantes Universitários
PRODUÇÃO: GOMES, M.L.S. (2022)

Desta forma podemos perceber que para além de ofertar cursos, as universidades públicas, preocupam-se com a estabilidade dos alunos migrantes durante a sua formação, como pode ser observado no gráfico acima, muitos discentes se beneficiam das bolsas auxílios (Permanência, Transporte e Creche), bolsas administrativas e bolsas de iniciação científica como um suporte financeiro para se manter na cidade.

Para além das situações financeiras dos migrantes ou de suas famílias, percebe-se que o movimento migratório com o foco principal em realizar uma graduação tem sua importância para muitas pessoas na sociedade, mesmo que seja um investimento com retorno a longo prazo, mostra-se indispensável para a formação dos jovens e adultos que fazem parte do mercado de trabalho.

Isso posto, uma das questões centrais deste estudo era descobrir os lugares de origem onde os estudantes realizavam mobilidade para migrar para Marabá. Diante de muitas respostas de discentes provenientes de cidades variadas e com localizações distantes uma das outras, sendo alguns do Rio de Janeiro, Apucarana (PR), Florianópolis (PI) e Presidente Dutra (MA), ao invés de uma espacialização cartográfica que poderia ser mais confusa do que prestativa para a observação dos resultados, optou-se pelo uso de gráfico 7 (abaixo) para uma melhor observação das informações obtidas.

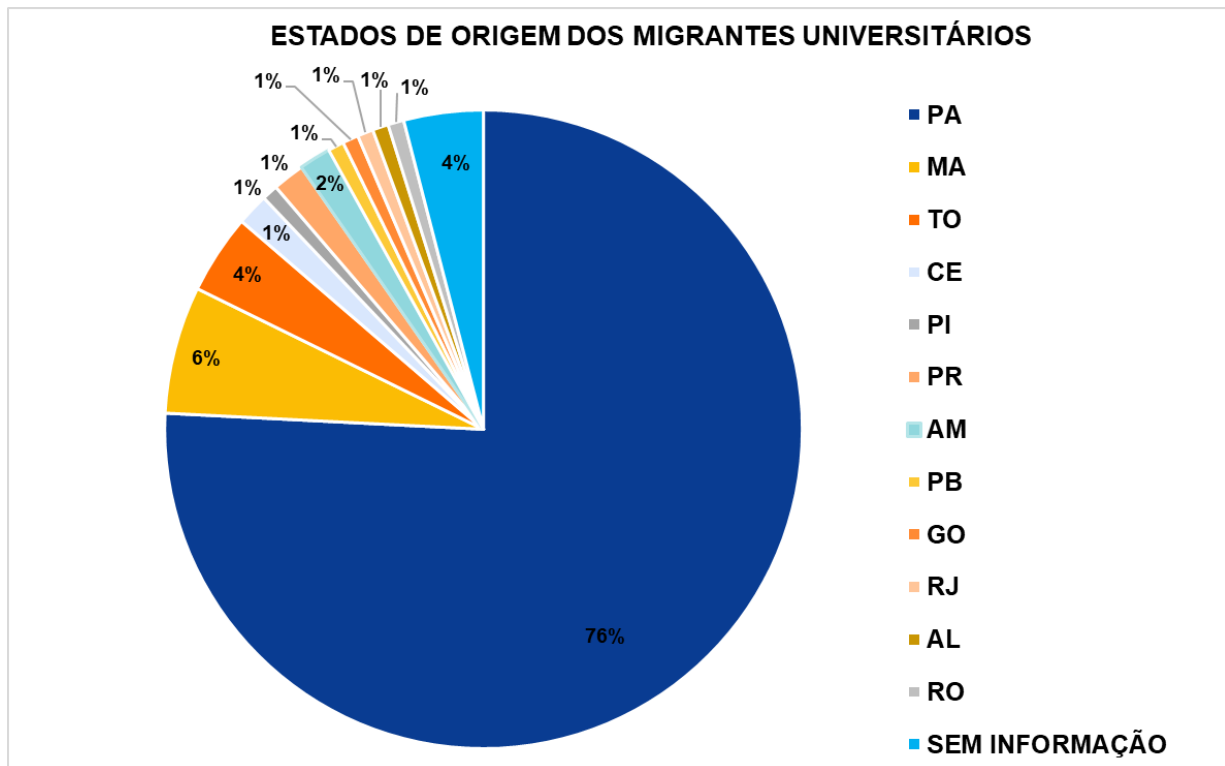
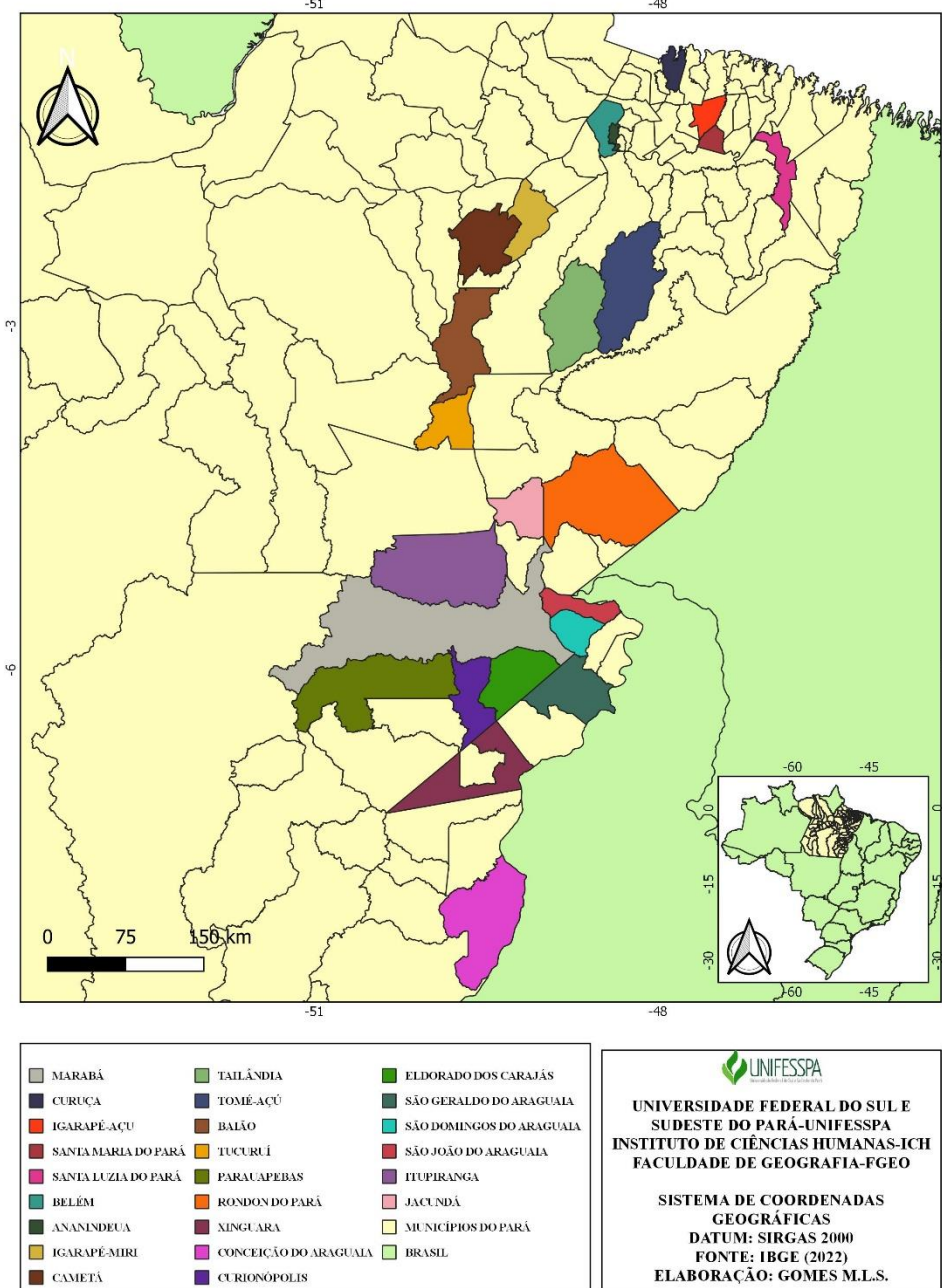


GRÁFICO 7: Demonstrativo dos Estados de Origem dos Migrantes Universitários
RODUÇÃO: GOMES, M.L.S. (2022)

Deste modo podemos observar no gráfico 7 (acima), que em porcentagem elevada temos 76% de alunos pertencentes do Estado do Pará, além daqueles que são originários da cidade, há também aqueles oriundos de diversificado número de cidades como alguma mais distantes de Marabá como, Igarapé-Miri, Igarapé-Açu, Cametá, Baião, Belém, Tomé-Açu, Tailândia, Curuçá, Santa Luzia do Pará, Mãe do Rio, Santa Maria do Pará e Mocajuba. Bem como cidades pertencentes a mesorregião e municípios circunvizinhos à Marabá, como Parauapebas, Tucuruí, Curionópolis, São João do Araguaia, São Domingos, São Geraldo do Araguaia e Xinguara, representados no mapa 5 (abaixo).



MAPA 5: Mapa das cidades de origem dos migrantes paraenses
PRODUÇÃO: GOMES, M.L.S. (2022)

Além dos citados anteriormente de fora do estado do Pará, podemos citar também aqueles vindos de Araguaína (TO), Brejo Santo e Campo Sales (CE), Jataí (GO), João Pessoa (PB), além de alguns alunos provenientes de outros estados da região Norte como, Tefé e Manaus no Amazonas.

Podemos observar desta forma que para além dos municípios circunvizinhos à Marabá, e que se localizam no raio de influência da Unifesspa na mesorregião do sudeste paraense, é possível observar que mesmo nas regiões mais longínquas do estado, como foi verificado pelo questionário, a presença de discentes oriundos de algumas cidades do Nordeste Paraense, que apesar de estarem mais próximos da capital do Estado escolheram realizar a mobilidade

universitária para estudar na Unifesspa, demonstrando desta maneira como as capitais, ou regiões metropolitanas devido a muitos problemas urbanos modernos acabam perdendo seus atrativos para as localidades interioranas, cidades médias, onde as instituições de ensino superior, como a Unifesspa, apresentam entre outros atrativos, alguns fatores decisivos para os migrantes, como o curso desejado ser ofertado e a baixa concorrência de vagas para o curso escolhido.

Quanto às opções disponíveis de instituições de ensino encontradas nas cidades de origem dos migrantes, seja universidade federal, faculdade privada ou instituto federal, as respostas demonstradas no gráfico 8 (abaixo), que poucas cidades apresentam esse tipo de serviço educacional, cerca de 33% das respostas coletadas, o que embasa os motivos declarados pelos migrantes universitários como fatores determinantes para realizar a mobilidade, a falta de instituições de ensino superior em suas localidades ou mesmo em cidades próximas.

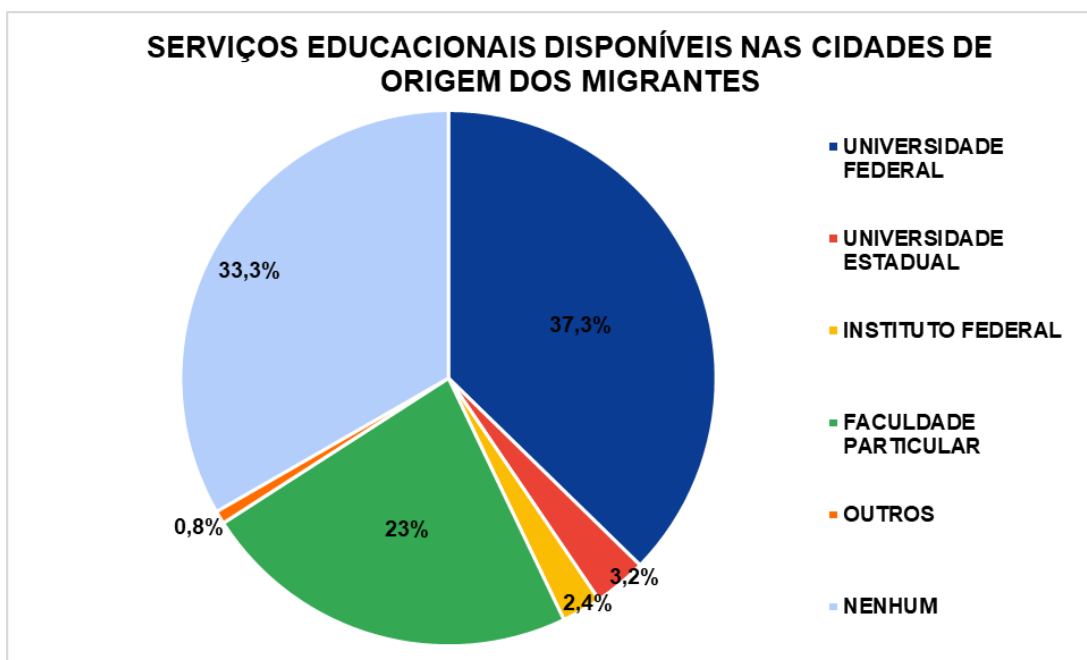


GRÁFICO 8: Demonstrativo dos Serviços Educacionais Disponíveis nas cidades de Origem dos Migrantes; **PRODUÇÃO:** GOMES, M.L.S. (2022)

Em relação às cidades de origem que apresentam IES dentro da cidade ou em localidades próximas, cerca de 65% das cidades, segundo os dados coletados, muitos migrantes relataram que apesar da existência dessas instituições em suas cidades, ainda escolheram a Unifesspa por uma série de motivos como, o fato de se tratar de uma universidade pública, por causa do quadro de curso ofertados, por serem ofertados cursos noturnos, pela qualidade do ensino, baixa concorrência, bem como por se tratar de uma universidade federal que consiste em uma boa referência no mercado de trabalho.

Quanto à questão sobre quais seriam as ações do migrante após a formação atual, como demonstrado no gráfico 9 (abaixo), a grande maioria, totalizando 44% das respostas, pretende atuar na área para qual estão se formando, enquanto muitos outros pretendem ao finalizar a graduação atual fazer concursos públicos, nos quais 17% dos migrantes escolheram essa resposta, uma via muito comum para os indivíduos que após conseguirem o diploma de graduação superior esperam entrar no sistema empregatício; 25% dos migrantes disseram que pretendem realizar outra graduação, para segundo eles estarem mais preparados para o mercado trabalhista, enquanto outros 6% escolheram fazer um curso técnico, e alguns outros discentes, 7% deles, se mostraram indecisos quanto ao quais seriam suas escolhas futuras após a graduação.

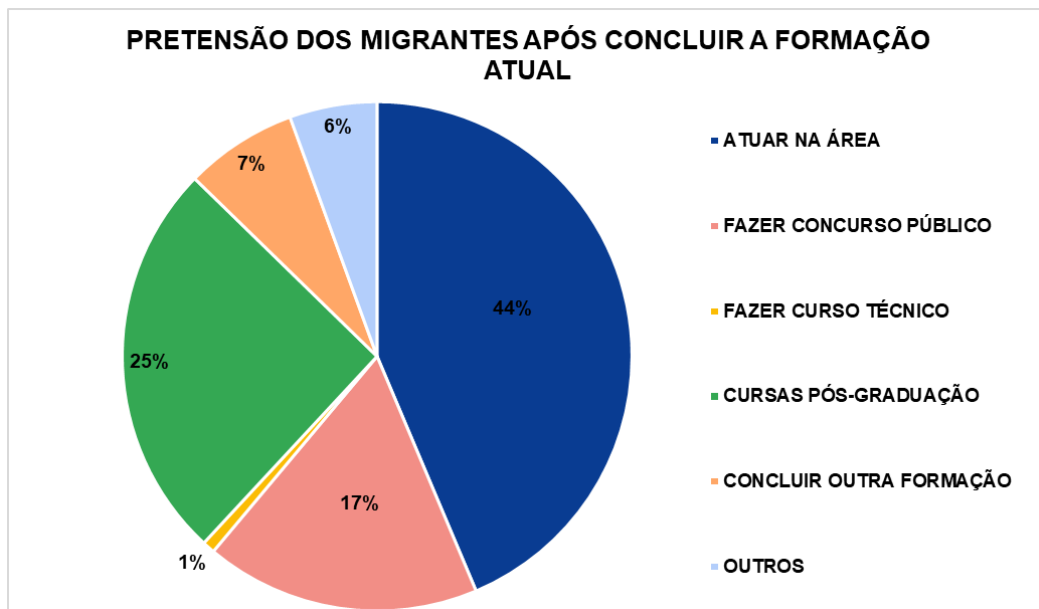


GRÁFICO 9: Demonstrativo de Idade dos Migrantes Universitários
PRODUÇÃO: GOMES, M.L.S. (2022)

Quanto a última questão, cuja pretensão era identificar se os migrantes após a conclusão do curso permaneceriam na cidade, voltariam para suas cidades de origem ou migrariam para outras cidades, onde os resultados mostraram-se divididos em dois grupos, a maioria das respostas obtidas mostrou que os migrantes permanecerão na cidade caso consigam um emprego estável para se manter sem a ajuda de familiares, caso não consigam irão realizar mobilidade para outros lugares, enquanto a outra parte se mostrou indecisa sobre essa decisão, onde responderam que pensarão nisso quando forem preciso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo realizar uma revisão teórica da mobilidade socioespacial, que corresponde a mobilidade dos indivíduos pelo território, que geralmente realizam essa mobilidade, em busca de melhores condições de vida, e que na atualidade começaram a desenvolver outros tipos de migração, por motivos além daqueles voltado para sobrevivência. Desta forma, ao ser realizada a revisão teórica do que como a migração era compreendida pelos autores no passado e como elas se desenvolvem na atualidade, é possível fazer uma reflexão de como algumas teorias com o tempo não perderam sua significação, aderida desta forma mais fatores de estudo que compõem o estudo sobre migração, reforçando a ideia de que mais do que um estudo social as mobilidades socioespaciais podem ser analisadas de várias dimensões, políticas, econômicas e culturais.

Isso posto, ao analisar o histórico das mobilidades na formação de Marabá, podemos perceber as influências políticas e econômicas das épocas passadas, onde muitas famílias poderosas da região tinham poder sobre a cidade, por muitas ocasiões mostravam-se como empecilhos não só para o desenvolvimento da região como repeliam muitos sujeitos que por ventura quisessem migrar para a cidade. Entretanto, não se pode negar a grande influência que esses mesmos sujeitos tiveram no desenvolvimento da cidade, mesmo que indiretamente ajudou a atrair muitos migrantes para a região, graças as grandes fazendas que compunham a região.

Desta forma podemos concluir que, Marabá ao longo dos anos de sua longa trajetória histórica, se caracterizou principalmente pelos ciclos de desenvolvimento econômico que aconteciam na cidade, que serviam de atração para grandes contingentes populacionais em busca de trabalho, que cada vez mais iam evoluindo após os ciclos passados.

À vista disso, observa-se que o ciclo vigente na atualidade se destina à agropecuária local e o investimento nas instituições de ensino superior localizadas na cidade, que cada vez mais atraí uma nova categoria de migrantes, os quais, diferentes dos migrantes do passado, realizam mobilidade pelo território em busca da formação de ensino superior, tendo seus para muito além de apenas trabalho e sobrevivência. Visto que esses tipos de mobilidades, apesar de não muito recentes, são ainda pouco discutias nos meios acadêmicos, visto que por muito tempo vigorou-se a ideia de que os migrantes se deslocavam apenas em busca de emprego.

Diante disso a pesquisa procurou identificar as características comuns dos migrantes universitários que fazem parte dos cursos de graduação da universidade, onde através principalmente da aplicação do questionário de conhecimento, foi possível analisar algumas

informações gerais sobre o tipo de público migrante estudantil que compõem a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

Concluímos que além das migrações intermunicipais realizadas pelos migrantes, muitos vindo de cidades pequenas e vilas rurais localizadas ao redor da cidade, foi possível observar a realização de deslocamentos mais longínquos de pessoas vindas de outros estados da região Norte, pessoas oriundas de cidades localizadas perto de centros urbanos muitas vezes mais desenvolvidas do que Marabá, e até mesmo de regiões metropolitanas de outras regiões, que por motivos educacionais se deslocaram de seus locais de origem para cursar o ensino superior em Marabá.

Onde foi possível observar dessa forma que para além de sua área de influência local, a Unifesspa, atualmente, alcança diretamente, com seus campi fora de sede, parcerias com prefeituras de cidades pequenas próximas, e indiretamente, por meio das tecnologias e redes sociais, um público muito maior do que a quantidade atingida em anos anteriores. Muitas pessoas ao responderem à pergunta ‘porque escolherem se mobilizar para estudar na Unifesspa’, relataram como a boa reputação e renome da universidade como fatores que os levaram a realizar a mobilidade universitária.

Conclui-se desta forma que a mobilidade universitária, se apresenta como uma saída para os sujeitos que desejam se graduar em uma universidade pública federal mesmo diante de várias opções disponíveis para se adquirir uma formação superior na atualidade. Destaca-se desta forma a importância das universidades nas cidades médias como um fator influenciador de deslocamentos populacionais, que além de movimentarem as cidades, transformam-se em propulsores de desenvolvimentos urbanos e investimentos econômicos nessas localidades.

REFERÊNCIAS

- SILVA, Idelma Santiago. **Migração e cultura no Sudeste do Pará: Marabá (1968-1988)**. 181f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2006.
- SALIM, Celso Amorim. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 8., 1992, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: ABEP, 1992. Disponível em: <http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/view/609>. Acesso em 10 ago. 2022.
- GEORGE, Pierre. **Geografia da população**. São Paulo: Difel, 1981.
- EMMI, Marília Ferreira. **A oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais**. Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/NAEA/UFPA, 1999.
- CERQUEIRA, Maria et al. Nômades do saber—um estudo sobre migração estudantil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 4., 2010, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: UFS, 2010. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/10201>. Acesso em 03 jun. 2022.
- SOUZA, Marcus Vinicius de Souza. **O projeto Alpa e a produção do espaço urbano em Marabá (PA): a cidade-mercadoria e as desigualdades socioespaciais**. 257f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.
- CHRISTALLER, W. **Central places in southern germany**. Prentice-Hall, Inc. Englewood Cliffs, Vol 10, 1966.
- CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. In: **SPOSITO, M.E.B.** (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão popular, p.23-33, 2007.
- BAUMGARTNER, Wendel Henrique. Cidades universitárias, cidades médias, cidades pequenas: análises sobre o processo de instalação de novos campos universitários. **Espaço aberto**, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p.73-93, 2015.
- CASARIL, Carlos Cassemiro. Importância das universidades públicas para a economia local e regional: o caso da Unioeste e UFTPR em Francisco Beltrão (PR). **Geosul**, Florianópolis, versão 34, nº.70 p. 286-314, jan./abr. 2019.
- VELHO, Otávio G. **Frente de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- de QUEIROZ DANTAS, Joseney Rodrigues, e Maria do Livramento Miranda Clementino. "A expansão do ensino superior e as cidades médias: um estudo sobre a atuação da UERN/Campus de Pau dos Ferros (RN)." *Revista Política e Planejamento Regional*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, julho/dezembro 2014, p. 227 a 236.
- BECKER, O. M. S. **Mobilidade Espacial da População: Conceitos, Tipologias, Contextos**. In CASTRO, I. E. de; COSTA GOMES, P. C. da; CORRÊA, R. L. (Org). *Explorações Geográficas: Percursos no Fim de Século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997
- BECKER, Bertha K. "Uma hipótese sobre a origem do fenômeno urbano numa fronteira de recursos do Brasil." (1978). *R. Bras. Geogr.*, Rio de Janeiro, 40(1): 111-122, jan.;mar., 1978
- RELATÓRIOS DE GESTÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DOPARÁ-UNIFESSPA DE 2014 A 2019 (SEPLAN-UNIFESSPA);

PLANO DE DESENVOLVIMENTO INCONSTITUCIONAL UNIFESSPA DE 2014 A 2019; Disponível em: <https://seplan.unifesspa.edu.br/pdi.html>; Acesso em 08 de julho de 2022

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico de 2000 e 2010; Tabela 631: População residente, por sexo, situação e grupos de idade - Amostra - Características Gerais da População; Tabela 200 População residente, por sexo e lugar de nascimento.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea); Motta, D. M. D., Egler, C. A. G., Ribeiro, M. B., Araújo Sobrinho, F. L., Nascimento, E., Arruda, R. A. D., ... & Pêgo, B. (2022). PROJETO COMPETITIVIDADE E GOVERNANÇA DAS CIDADES MÉDIAS DO BRASIL: SISTEMA URBANO, CENTRALIDADE E COMPETITIVIDADE DAS CIDADES MÉDIAS: Relatório 2.

ANEXO 01 – QUESTIONÁRIO DE CONHECIMENTO SOBRE ALUNOS MIGRANTES DA UNIFESSPA

Questionário de conhecimento sobre alunos migrantes da Unifesspa

Questionário a ser usado unicamente para Trabalhos Científico e de Conclusão de Curso

Idade ☰ 📄 Resposta curta ▾

Texto de resposta curta
.....

📄 🗑️ Obrigatória ⋮

Vem de *

Quilombo

Comunidade Indígena

Zona rural

Zona urbana

Cidade de Nascimento

Texto de resposta curta
.....

Cidade que morava antes de migrar para Marabá

Texto de resposta curta
.....

Há quantos anos você mora em Marabá? (obs: pode colocar desde que ano você mora na cidade) *

Texto de resposta curta
.....

Situação em que vive em Marabá

Kit Net

Apartamento

Casa Alugada/com amigos, parentes, ou namorado(a)

Outros...

Está exercendo algum tipo de trabalho na cidade? Se sim, qual é a sua profissão atual? *

Texto de resposta curta

Recebe algum tipo de auxílio financeiro da universidade para ajudar na sua permanência na cidade e concluir sua formação acadêmica? *

- Bolsa Auxílio (Permanência/Transporte/Creche)
- Iniciação Científica
- Bolsa Administrativa
- Nenhum

Tipo de Curso *

- Intervalar
- Regular

Na época em que você morava em sua cidade estava disponível algum tipo de serviço educacional de formação superior? *

- Universidade Federal
- Instituto Federal
- Faculdade Particular
- Universidade Estadual
- Não/Nenhum

Qual/Quais os principais motivos que levaram você a optar por fazer um curso de ensino superior na Unifesspa? *

Texto de resposta longa

Após concluir essa formação pretende

- Atuar na Área
- Concluir outra formação
- Fazer Curso Técnico
- Fazer Concurso Público
- cursar Pós-Graduação
- Outros...

E quando possuir o diploma pretende retornar para a sua cidade origem ou migrar para outra região? *

- Voltar para minha Cidade
- Permanecer em Marabá
- Migrar para outra cidade/região
- Pensarei nisso depois